

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Lucila Lang Patriani de Carvalho

Lévinas, Blanchot: O gênero da Filosofia

São Paulo

2019

Lucila Lang Patriani de Carvalho

Lévinas, Blanchot: O gênero da Filosofia

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva.

São Paulo  
2019

*À minha mãe, Hilda Vasconcellos Lang.*

## Agradecimentos

Ao professor Franklin Leopoldo e Silva pela orientação recebida desde a Iniciação Científica, por me ensinar o verdadeiro significado do que é ser professor e por tanta generosidade, sempre.

À minha mãe, Hilda Vasconcellos Lang, por me mostrar que tudo é uma questão de manter “a mente quieta, a espinha ereta e o coração tranquilo” e por me ensinar, em todo o seu companheirismo, que o amor a tudo compreende.

À Lívia Maria Nogueira Machado Fernandes de Melo, às minhas avós, Elena Vasconcellos Lang e Helita Léa, e ao meu avô Oswaldo de Toledo, os maiores entusiastas de qualquer empreitada e que me enchem de orgulho das suas, assim como a Luiza Lang.

Ao Ricardo, à Mariana e ao meu pai, Carlos Eduardo Patriani de Carvalho, pelo apoio e pelos crescentes “diálogos filosóficos” em nossa convivência.

Ao Bruno Rosa, à Dircilene Falcão, ao Dioclézio Faustino, ao Lourenço Fernandes, ao Lucas Nascimento, ao Sacha Kontic, ao Dioclézio Faustino, ao Eduardo Marinho, à Julia Marchevsky, ao Jefferson Viel e à Ravena Olinda pelas conversas infundáveis que a tantos questionamentos levaram e outros esclareceram, pela amizade contruída para além dos corredores e que tornaram o percurso menos solitário.

À Andréia Perussi, ao Caio Christofolletti, à Isabella Lessa, à Leslie Neis, à Kaori Oshiro, à Marília Barros, ao Rodrigo Ueno e à Thais Heringer, os "de sempre e para sempre" é um privilégio ter amigos como vocês por tantos anos.

Aos meus alunos da Faculdade Sumaré e do Colégio João XXIII, por me ensinarem tanto em sala de aula.

À professora Dra. Claudia Consuelo Amigo Pino contador e ao Professor Dr. Luiz Augusto Contador Borges pelos preciosos apontamentos no exame de qualificação, determinantes para as diretrizes tomadas a partir de então.

À Secretaria do Departamento de Filosofia, por meio da Geni Ferreira Lima, Luciana Nóbrega, Marie Marcia Pedroso e Ruben Dario, pelo trabalho constante, pela paciência e boa vontade ao longo de tantos anos.

## Resumo

CARVALHO, L. L. P. *Lévinas, Blanchot: O gênero da Filosofia*. 2019. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Nosso trabalho possui, ainda que indiretamente, intenções plurais, sendo a mais evidente delas, abordar a relação intelectual estabelecida entre Emmanuel Lévinas e Maurice Blanchot. Tal relação possui, como subsídio para o seu desenvolvimento, os campos da filosofia e da literatura, que serão abordadas a partir da peculiar perspectivas de Blanchot. No mais, utilizamos o conceito de comunidade conforme pensado por Blanchot como eixo articulador de seu pensamento, que recebe destaque em relação a outros temas relevantes - prioritariamente o conceito de fora e de neutro, indispensáveis para a compreensão do pensamento blanchotiano - e possui uma concepção relacionada ao temas estudados por Lévinas.

**Palavras-Chave:** Blanchot, Lévinas, Filosofia, Literatura, Comunidade.

## Abstract

CARVALHO, L. L. P. Lévinas, Blanchot: The genre of Philosophy. 2019. Thesis (Doctorate Degree) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Our work has, although indirectly, plural intentions, being the most evident of them, to approach the intellectual relation established between Emmanuel Lévinas and Maurice Blanchot. This relationship has, as a subsidy for its development, the fields of philosophy and literature, which will be approached from the peculiar perspectives of Blanchot. Moreover, we use the concept of community as conceived by Blanchot as the articulating axis of his thought, which is highlighted in relation to other relevant themes - primarily the concept of outside and neutral, indispensable for understanding Blanchetian thinking - and has a conception related to the themes studied by Lévinas.

**Keywords:** Blanchot, Lévinas, Philosophy, Literature, Community

## SUMARIO

Capítulo 01 - Introdução: a situação da escrita de Blanchot .....	9
1.1 - Literatura, Filosofia e a tradição francesa .....	10
1.2 - Interlocutores privilegiados .....	18
1.3 - As questões levantadas pela conjuntura história e política .....	22
Capítulo 02 - A escrita de Blanchot ou como escrever sobre Blanchot sem traí-lo.....	26
2.2 - A presença de Blanchot no cenário francês contemporâneo ....	26
2.2 - A fragmentação .....	31
2.3 - Filosofia e Literatura em Blanchot .....	37
Capítulo 03 - A leitura blanchotiana de Lévinas .....	46
3.1 - A concepção da Ética em <i>Totalidade e Infinito</i> .....	66
3.2 - Linguagem e proximidade .....	86
3.3 - <i>Outramente que ser</i> .....	88
Bibliografia .....	100

## **Capítulo 01 - Introdução: a situação da escrita de Blanchot**

A intenção presente neste capítulo é a de situar o pensamento do Maurice Blanchot em meio à produção intelectual francesa contemporânea.

Neste contexto, mais do que adequar o autor às nomenclaturas tradicionalmente utilizadas ou de classificar e estancar a escrita de Blanchot em um formato que segue parâmetros pré-estabelecidos por pensadores e por comentadores - a exemplo do que a proposta de um alinhamento de sua escrita ao estruturalismo ou ao pós-estruturalismo acarretaria -, o que intentamos é a de acentuar a presença de alguns temas no cenário do pensamento contemporâneo (no qual convergem as questões da literatura e da filosofia) que convergem na produção do pensamento de Blanchot.

Ao menos neste primeiro momento, antes de entrarmos especificamente na figura do autor e nas questões que tangenciam a composição da estrutura de escrita que lhes são peculiares - que marcam uma certa reclusão e obscuridade -, já podemos adiantar que a presença e interação de Blanchot neste contexto intelectual nem sempre possibilita uma nítida comunicação do autor com outros pensadores, assim como a sua relação expressa com conceitos filosóficos e a assunção de determinados posicionamentos.

Para subsidiar esta contextualização cabe apontarmos que a parca literatura traduzida que detém sua análise neste período do pensamento francês pouco menciona Blanchot e, ao mesmo tempo, se debruça sobre a especificidade de seu pensamento, fazendo com que sua interação se sobressaia. Assim, o que se destaca é a

ausência de menções à Blanchot, exceto na literatura especializada francesa, conforme melhor veremos adiante.

Deste modo, optamos por realizar o recorte a partir de duas frentes que são capazes de reconstruir o contexto que intentamos: uma mais ampla e geral, que possibilita, a grosso modo, destacar os temas presentes no pensamento contemporâneo francês que são relevantes para o recorte que aqui pretendemos - quais sejam, a filosofia e a literatura, já apontado anteriormente -, e outro mais restrito, proporcionado pela releitura de comentadores específicos de Blanchot - a exemplo de Leslie Hill, Françoise Collin, Michel Surya e Éric Hoppenot - mais bem concretizado no Capítulo seguinte a este mais abrangente.

## **1.1 - Literatura, Filosofia e a tradição francesa**

A proposta de destacarmos um liame entre a Filosofia e a Literatura, de modo a estabelecermos um campo de análise que compreenda um panorama histórico encontra raízes remotas, retrocedendo até a Antiguidade grega. A parte de todas as questões inerentes aos pensadores e às conjunturas sociais e filosóficas de cada período, desde Platão em *A República*<sup>1</sup> a teoria da literatura - ainda, naquela ocasião, por meio de uma análise da narrativa e da poética e ressalvadas todas as diferenças conceituais que o deslocamento temporal e espacial da presente proposta comporta - é problematizada sob um ponto de vista filosófico - seja pela

---

<sup>1</sup> A título de exemplo apenas, apontamos a seguinte passagem d'*A República*: "Entre os gêneros da poesia e da prosa, como dizes, um consiste inteiramente numa imitação, tragédia e comédia; o outro, num relato feito pelo próprio poeta que poderás encontrar principalmente nos ditirambos. Há ainda outro que, por meio dos dois recursos, ocorre na poesia épica e em outros textos. (PLATÃO, 2006, p. 99).

dramaticidade do diálogo, seja em razão do que a literatura representaria à sociedade.

Para Platão a literatura (expressa por meio da poesia), assim como as artes de modo geral, estariam afastadas, em três graus diferentes, da verdade em razão de sua própria estrutura de composição, pois esta seria meramente imitação e pautada pela aparência da representação. Tal situação é determinante para Platão rechace a poesia, não merecendo esta lugar na República que, justamente, almeja alcançar a verdade - o que é feita pela via da filosofia.

Neste contexto, é interessante remetermos nossa análise ao posicionamento de Aristóteles sobre o tema. Na Poética, Aristóteles afirma, por sua vez, que a imitação seria própria à natureza humana (ARISTÓTELES, 1987, p. 203). Tal consideração é responsável por inserir o poeta e a poesia em um lugar privilegiado, mesmo em relação à filosofia, pois

não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (...) diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. (ARISTÓTELES, 1987, p. 209).

A partir deste diálogo entre os pensamentos de Platão e Aristóteles podemos sumariamente considerar que tanto a situação da filosofia quanto a da literatura e como, de certo modo, a interação entre ambas passa a ser considerada pelo olhar da filosofia e que passa, de certo modo, por uma estrutura hierarquizada.

A possibilidade de um campo de estudo comum à literatura e à filosofia - que envolva arte e conceito - não é, de modo algum, um terreno novo à história da filosofia - embora hoje muitas vezes o pareça, através da fragmentação do saber e do crescimento da especialização. Desde já cabe apontarmos a título de ressalva, conforme melhor analisaremos ao longo do capítulo subsequente, que a relação que Blanchot estabelece com a filosofia se estabelece de maneira a determinar certas peculiaridades que não estariam presentes em outros filósofos, a exemplo de Espinosa, Kant ou mesmo Platão (HOPPENOT et MILON, 2010, p. 11).

Esta relação e a formação de um campo comum se estabelece na França nos moldes da formação de uma tradição desde a Modernidade (Cf. BADIOU, 2015, p.14), com as escritas de Rousseau, Voltaire e Diderot, por exemplo, guardadas as diferenças entre os autores e suas obras, assim como as inúmeras possibilidades de interação que os temas e abordagens que as concepções permitem em cada momento.

Restringindo ainda mais esta análise à contemporaneidade<sup>2</sup> francesa esta relação parece se tornar ainda mais intensa (e talvez indiscernível e necessária), o que é percebido de modo muito nítido por Alain Badiou pois, para o autor, há "uma relação singular da

---

<sup>2</sup> Uma análise cronológica mais detida é realizada por Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, conforme destaca Stéphane Marchand (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 1419) que afirmam que a partir da segunda metade do século XVIII a literatura passou a ser compreendida conceitualmente conforme a fazemos hoje - o que os autores designarão como sendo o "absoluto literário".

filosofia com a literatura, que é uma característica surpreendente da filosofia francesa do século XX" (BADIOU, 2015, p. 14).

O modo como esta interação ocorre é problematizado pelos comentadores, mas podemos depreender que possuem um viés comum. Ao prosseguir em sua reflexão e diagnóstico Badiou afirma que:

Quase poderíamos dizer que um dos objetivos da filosofia francesa foi criar um novo lugar de escrita, no qual a literatura e a filosofia seriam indiscerníveis; um lugar que não seria nem a filosofia como especialidade nem exatamente a literatura, mas que seria uma escrita onde não se pode mais distinguir entre o conceito e a experiência da vida. Porque, finalmente, essa invenção de escrita consiste em dar uma vida literária ao conceito. (BADIOU, 2015, p. 15).

Adiante retomaremos e pormenorizaremos esta relação entre conceito e experiência de vida mas - que também possui uma certa tradição para a produção do contexto que desejamos para esta tese - mas, por ora, cabe adentrarmos em uma questão que também está compreendida em maior profundidade - e que possui uma importância especial na ocasião de análise deste trabalho - qual seja: na interação entre filosofia e literatura, a formação de uma análise que não permita que uma se reduza à outra, sobrepujando toda e qualquer especificidade, e, também, que não seja necessária a escolha e preferência de uma entre as duas (aos moldes de "ou filosofia ou literatura"), através de uma análise de alternativa entre campos absolutos que são incapazes de se comunicar.

A partir da reconstrução deste cenário de debate na França contemporânea remete o pensamento de Blanchot a um lugar privilegiado:

Da alternativa entre filosofia e literatura, acabamos com uma transfiguração de ambas as práticas; é apropriado, devemos admitir, uma imagem filosófica da literatura. Esta imagem, no entanto, vai além do campo da filosofia e toca, de volta, a literatura. Essa fusão de literatura e filosofia em uma certa concepção de literatura, sua incandescência, foi levada a um ponto culminante por Maurice Blanchot, romancista, crítico, pensador entre as duas disciplinas.<sup>3</sup>

A amplitude desta questão dentro do pensamento de Blanchot será analisada detidamente nos capítulos seguintes, mas desde já cabe apontarmos para o modo como o autor é situado, por Stéphane Marchand - que assina o artigo da coletânea organizada por Maurice Merleau-Ponty - justamente "entre" a filosofia e a literatura.

Neste contexto de análise, no qual estabelecemos um panorama histórico da relação entre filosofia e literatura, cabe mencionarmos a ressalva que Frédéric Cossutta realiza a este respeito, no sentido de que são

---

<sup>3</sup> Livre tradução de: "De l'alternative entre philosophie et littérature, nous aboutissons donc à une transfiguration des deux pratique; c'est le propre, il faut en convenir, d'une image philosophique de la littérature. Cette image, cependant, excède le seul champ de la philosophie et touche en retour la littérature. Cette fusion de la littérature et de la philosophie dans une certaine conception de la littérature, son incandescence, a été portée à un point culminant par Maurice Blanchot, romancier, critique, penseur entre les deux disciplines." (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 1425).

dois tipos de discurso, literário e filosófico, considerando que suas respectivas identidades não são adquiridas, estão em questão, não são assim estabilizadas sob uma identidade essencializada e não podem ser seriamente consideradas sem levar em conta outros discursos ligados dentro de formações discursivas<sup>4</sup>

Auferindo, ainda, o autor a mesma dignidade aos discursos, reforçamos o intento de estabelecer uma análise aberta e não normativa e estável de tais questões, principalmente considerando a conjuntura específica que a presença da obra de Blanchot proporciona a este cenário. Adiante retomaremos esta questão, aprofundando a relação entre filosofia e literatura no pensamento do autor.

Ainda em relação aos elementos que constituem este cenário contemporâneo, cabe retomarmos e aprofundarmos que o modo como a relação entre o conceito e a experiência de vida são estruturados até permearem este momento de estudo. Desde já cabe anteciparmos que a relação da filosofia com a existência possui relevância não apenas para Blanchot, mas também e especialmente para a relação que se pretende realizar com o pensamento de Emmanuel Lévinas.

Neste sentido, podemos apontar que há um grande esforço por parte dos pensadores que compõem filosofia francesa do século XX na análise de Badiou em "Mostrar que o conceito é vivo, que é

---

<sup>4</sup> Livre tradução de: "deux types de discours, littéraire et philosophique, en considérant que leur identité respective n'est pas acquise, est en question, n'est donc pas stabilisée sous une identité essentialisée et ne saurait être sérieusement envisagée sans prendre en compte d'autres discours liés au sein des formations discursives" ( COSSUTTA, 2005, p. 6).

uma criação, um processo e um acontecimento, e que, a esse título, ele não é separado da existência" (BADIOU, 2015, p. 17).

A ocasião histórica e social vivida na França no período em que Blanchot escreve, conforme analisaremos adiante, intensifica esta relação necessária entre conceito e existência. Ocorre que, se remetermos à análise realizada por Beaufret (Cf. BEAUFRET, 1976) em seus estudos a respeito das filosofias da existência - a exemplo de Kierkegaard e Heidegger - podemos considerar que estes pensadores influenciaram fortemente a França contemporânea e recriam um contexto muito semelhante ao anteriormente aqui diagnosticado por Badiou no que se refere à relação entre existência e conceito.

A análise realizada por Beaufret remete às origens da filosofia e, antes de ser um período filosófico que estaria compreendido entre os séculos XIX e XX, entre Kierkegaard e Jean-Paul Sartre, o existencialismo seria, antes, uma postura filosófica que remeteria a Aristóteles e a Pascal, por exemplo.

Assim, Beaufret separa a história da filosofia em duas linhagens: uma buscaria "elucidar a estrutura geral do todo da existência" (BEAUFRET, 1976, p. 11) e estruturaria um sistema que apenas ao final chegaria ao homem; já a outra linhagem trataria diretamente do homem e da sua existência (sendo esta, segundo o autor que se filiaria propriamente o existencialismo). Assim, ainda que de modo mais ou menos acentuado, a filosofia, em grande medida para o autor, se ocuparia da questão da existência, ainda que esta não seja a intenção imediata dos seus pensadores.

A partir disto, não estamos definir Blanchot - ou mesmo Lévinas - como um existencialista, mas apenas acrescentar à presente leitura que parte dos filósofos que formam o nosso contexto de análise possuem a influência direta de pensadores para os quais a

existência é assunto primordial, de modo a endossar a profundidade das raízes da relação estabelecida entre existência e conceito, entre literatura e filosofia, de modo que aquela também se dê como uma questão a esta:

Desejávamos não uma separação clara entre vida e conceito, não que a existência como tal fosse submetida à idéia ou à norma, mas que o próprio conceito fosse um caminho de que não conhecemos forçosamente o objetivo. (BADIOU, 2015, p. 19).

Ainda que esta contexto aparentemente estabilizado caberia apontarmos a análise realizada por Isabelle Kalinowski (KALINOWSKI, 2001, p. 2) a qual, no artigo intitulado "A literatura no campo filosófico francês na primeira metade do século XX - O caso de Jean Wahl e Hölderlin"<sup>5</sup>, situa neste período o campo filosófico francês na esfera institucional, junto às universidades e publicações ligadas às revistas educacionais.

Tal localização também seria responsável por situar a própria literatura dentro do campo filosófico, tema que retomaremos de forma ainda mais relevante em outros momentos de nosso trabalho, de modo que, apenas na segunda metade do século - a partir de nomes como o de Jean-Paul Sartre e o advento da revista "Les temps modernes" - que os conceitos da literatura parecem passar a ser legítimos de constarem como objeto de estudos dentro do campo filosófico.

---

<sup>5</sup> Livre tradução de: "La littérature dans le champ philosophique français de la première moitié du XXe siècle - Le cas de Jean Wahl et de Hölderlin" (KALINOWSKI, 2001).

O esboço desta questão nos remete à relação (e também à tensão) formada entre literatura e filosofia em Blanchot, conforme veremos adiante.

Por ora, cabe apontar que os exemplos de pensadores que subsidiam a relevância desta interação - antes mesmo de adentrarmos ao pensamento de Blanchot, de Lévinas e de outros - não faltam, de modo que a aproximação em direção à literatura por parte dos filósofos através da produção literária ou por sua teorização - a exemplo de Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Jacques Derrida, entre outros.

Assim, de modo a prosseguir na reconstrução do contexto de nosso recorte, cabe situarmos o debate em meio aos outros pensadores com os quais Blanchot dialoga.

## **1.2 - Interlocutores privilegiados**

Pelas razões que adiante analisaremos mais detidamente, relacionar Blanchot a outros pensadores passa por questões inerentes ao próprio estilo de escrita do pensador mas, por ora, o importante é compreendermos a amplitude do campo de debate ao qual o autor se propõe.

O estudo mais aprofundado a respeito dos interlocutores de Blanchot pode passar diversas instâncias de análise: os autores que o influenciaram ou foram influenciados por Blanchot e as menções e críticas que Blanchot realiza em suas obras. Com isto, intentamos vislumbrar e possibilitar a abertura para o diálogo com outros pensadores contemporâneos, a exemplo de Lévinas, que será realizado aqui de modo mais intenso, bem como o de reestruturar um

contexto específico - no tocante não apenas à filosofia, mas também à literatura -, uma vez que o espectro de autores com os quais Blanchot dialoga é amplo e diversificado, as possibilidades de recortes que propõem relacionar o pensamento de Blanchot a outros autores são inúmeros e passam por: Hegel, Rilke, Mallarmé, Nietzsche, Kafka, Lévinas, Duras, Derrida, Hölderlin, Sartre, Bataille, entre tantos outros.

A partir deste panorama tão plural o que podemos considerar inicialmente - ponto que retomaremos adiante - é modo como Blanchot transita pelos terrenos da literatura e da filosofia de modo indistinto, afirmando a tenuidade de uma possível separação entre estes campos<sup>6</sup>.

Em relação a estes interlocutores de Blanchot o recorte de nosso trabalho direciona, de modo imediato, à relação do autor com Emmanuel Lévinas. Antes de prosseguirmos com esta questão devemos, nesta ocasião, realizar um apontamento a respeito de influência filosófica no pensamento de Blanchot .

Quando da análise da influências literárias e filosóficas de Blanchot, Jean-Philippe Miraux destaca especialmente três nomes: Mallarmé, Hegel e Nietzsche (MIRAUX, 1998, p. 11-21). Conforme apontamos anteriormente, a menção a Mallarmé é recorrente nos textos críticos de Blanchot mas, uma vez que nossos estudos se

---

<sup>6</sup> De modo a melhor desenvolver esta afirmação, podemos mencionar a articulação proposta por Etienne Pinat do modo como Blanchot mobiliza alguns pensadores a partir da análise do conceito de morte, um dos grandes temas do autor e que, inclusive, o relacionam a Lévinas: "em relação à linguagem e à escrita literária, ela se desenvolve na leitura de obras literárias (as de Kafka, Mallarmé, Rilke, Dostoiévski, Batalha, Hölderlin, Char, Camus, Leiris ...), bem como na apropriação e contestação de pensamentos filosóficos (os de Hegel, Kerkegaard, Nietzsche, Heidegger, Sartre, Simone Weil, Emmanuel Lévinas ...)" - livre tradução de "comme liée au langage et à l'écriture littéraire s'y développe dans la lecture d'ouvrages littéraires (celles de Kafka, Mallarmé, Rilke, Dostoiévski, Bataille, Hölderlin, Char, Camus, Leiris...) ainsi que dans l'appropriation et la contestation de pensées philosophiques (celles de Hegel, Kerkegaard, Nietzsche, Heidegger, Sartre, Simone Weil, Emmanuel Lévinas...)." (PINAT, 2014, p. 20).

situam na perspectiva filosófica, cabe superficialmente apontarmos para a leitura blanchotiana de Hegel e Nietzsche.

Os temas presentes nestes autores e que ecoam no pensamento de Blanchot são dois e que estão em relação: a dialética hegeliana e o eterno retorno nietzschiano - ou, nos termos de Blanchot, "pensar a presença como todo e o todo como presença" e "nomear a lei do Eterno Retorno" (BLANCHOT, 2016, p.39).

Tais elementos já são responsáveis por proporcionar um direcionamento inicial à leitura de Blanchot, que carrega, em uma breve análise para o momento, as marcas de negatividade e da ausência de repouso - o que emerge de modo mais intenso nas obras mais tardias de Blanchot (em especial em "O passo além" - 1973) e coadunam com o recorte temático proposto em nosso trabalho.

Conforme apontamos inicialmente, embora a questão da comunidade seja o ponto articulador de nosso trabalho para a aproximação do pensamento de Blanchot e Lévinas, a questão do neutro e do fora permeiam toda este estudo e remetem a questões relevantes à análise do pensamento destes autores. Embora retomemos a influência de Hegel e Nietzsche mais adiante, quando da análise da escrita de Blanchot, cabe reafirmarmos um apontamento realizado por este em relação a Nietzsche em "Reflexões sobre o niilismo" presente em "A conversa infinita":

Com Nietzsche a filosofia se abala. Não será apenas por ser ele o último dos filósofos (cada um sendo sempre o último) Ou talvez porque, chamado por uma linguagem totalmente outra, a escrita de ruptura, cuja vocação seria supor as "palavras" apenas riscadas, espaçadas ou cruzadas no movimento que as afasta, mas que por esse

afastamento as retém como lugar da diferença (...)  
(BLANCHOT, 2007, p. 113)

Assim, em linhas gerais, a menção a Nietzsche e ao eterno retorno evoca a concepção de ruptura - que adiante será melhor analisada em conjunto com a concepção de fragmentário.

Ainda em suas reflexões presentes em "A conversa infinita" ao analisar a estrutura histórica contemporânea em "A questão mais profunda", Blanchot a faz através da dialética e por meio de uma leitura que merece aqui ser reproduzida integralmente, de modo a oferecer às análises que realizaremos adiante sobre a escrita de Blanchot:

Mas, para a dialética, não há questão terminal. Onde terminamos, começamos. Onde começamos, só começamos de fato se o começo está novamente no final de tudo, ou seja, o resultado - o produto - do movimento do todo. É a exigência circular. O ser se desdobra como o movimento girando em círculo, e esse movimento vai do mais interior ao mais exterior, da interioridade não desenvolvida à exteriorização que o aliena, e dessa alienação que o exterioriza até a plenitude realizada e reinteriorizada. (BLANCHOT, 2010, p. 47)

O movimento dialético, assim como aquele provocado pelo eterno retorno, é, de certo modo, retomado por Blanchot ao longo de sua obra - e de um modo muito específico em relação ao modo como

o autor concebe não apenas a linguagem da escritura, mas também a sua própria linguagem e escrita.

Em uma última consideração em relação aos interlocutores de Blanchot neste momento de nosso trabalho, ressaltamos que compõe o cerne de nosso trabalho a proposta de estabelecer um diálogo entre Blanchot e Lévinas, que será devidamente proposto, uma vez que a própria presença deste autor possibilita diversos recortes temáticos.

Assim, vai sendo esboçado o cenário no qual o pensamento de Blanchot se insere e ao qual outras características se somarão adiante, de modo que podemos passar ao momento subsequente de nosso texto, pormenorizando algumas questões históricas e políticas que também são responsáveis por compor uma análise mais detida do momento contemporâneo.

### **1.3 - As questões levantadas pela conjuntura história e política**

Cabe, ainda, apontar para mais uma especificidade do recorte proposto em nosso trabalho. Conforme acompanharemos mais adiante, grande parte dos temas e das respectivas discussões elencadas ao longo deste trabalho se concentram sobre a obra "Comunidade inconfessável" publicada inicialmente em 1983.

Deste modo, ainda que o foco principal de nossa análise não seja propriamente a política em Blanchot, o contexto histórico e político anterior ao da produção da obra deve ser lembrado. Neste sentido, dois fatos se sobressaem: a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) e Maio de 1968.

A Segunda Guerra e os horrores dos campos de concentração nazistas possuem um grande impacto no pensamento contemporâneo - não se restringindo exclusivamente ao pensamento de Blanchot - o que podemos apontar nas teorias contemporâneas e de modo mais significativo em Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Jacques Derrida, e também em uma tradição formada por Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Hannah Arendt, entre tantos outros. Assim, a subjetividade, a alteridade, as questões sociais permeiam o pensamento de tais filósofos, assim como a iminência de questões políticas.

Especialmente em Blanchot, a Segunda Guerra o aproxima - assim como o seu pensamento - de modo muito peculiar a Emmanuel Lévinas não apenas em relação a seu pensamento, mas principalmente pela qualificação de ser também um pensador judeu - fato que abordaremos mais de modo mais detido adiante. O contexto no qual estes pensadores estão imersos é invocado de modo explícito por Lévinas poucas e precisas vezes e merece aqui ser lembrado na ocasião em que reflete o sofrimento - e o seu mal neste período histórico:

Século que, em trinta anos, conheceu duas guerras mundiais, os totalitarismos de direita e de esquerda, hitlerismo e stalinismo, Hiroshima, o goulag, os genocídios de Auschwitz e do Cambodja. Século que finda na obsessão do retorno de tudo o que estes nomes bárbaros significam. Sofrimento e mal impostos de maneira deliberada, mas que nenhuma razão limitava na exasperação da razão tornada política e desligada de toda a ética. (LÉVINAS, 2004, p. 138).

A crítica aos horrores do período caminham para a proposta de compreensão do pensamento de Lévinas, que passa pela a ética - a filosofia primeira para Lévinas -, e não pela ontologia - vigente para o pensamento da época e que retomaremos adiante.

Soma-se a este contexto histórico as questões políticas - impossíveis de serem dissociadas - inclusive do campo literário que, como bem analisa BUCLIN<sup>7</sup>, recria um campo que não é estranho ao campo político. Neste sentido vale ressaltarmos que, embora o recorte temático aqui presente se aproxime da política, cabe apontarmos que não aprofundaremos esta questão diretamente, tendo em vista ser uma questão que por si só mereceria todo um estudo e trabalho unicamente a ela dedicada - abordagem que melhor situarmos na ocasião de aprofundarmos o conceito de comunidade.

Meramente com a intenção de situar o pensamento de Blanchot no cenário político de sua época, é de conhecimento que este se aproximava, no início de sua vida intelectual, à extrema direita francesa (BUCLIN, 201., p. 33 e outros) mas, neste período, já podemos afirmar que a sua escrita não se esgotava na política, muito ao contrário, a crítica à literatura é o que se destaca para os críticos deste período - o que, para Buclin (2011, p. 37), seria responsável

---

<sup>7</sup> Nas palavras do autor: o campo literário nunca é totalmente alheio ao campo político, muito menos no período imediato do pós-guerra, quando o PCF ocupa um lugar preponderante no pecado dos corpos literários resultantes da Resistência, ao que além disso tem É uma ajuda decisiva para o Occupaton, uma vez que detém uma posição de liderança nos grandes debates que irão pontuar a vida intelectual do país" - livre tradução de "le champ littéraire n'est jamais totalement étranger au champ politique, à plus fort raison dans l'immédiat après-guerre où le PCF occupe une place prépondérante au sin des instances littéraires issues de la Résistance, auxquelles il a d'ailleurs fourni une aide matérielle déterminante pensant l'Occupaton, de même qu'il tient une place de premier choix dans les grands débats qui rythmeront la vie intellectuelle du pays." ( BUCLIN, 2011, p. 21)

por atribuir certa ambigüidade<sup>8</sup>, inclusive em relação aos seus posicionamentos políticos, e que seria marcante para o pensamento de Blanchot - tema relevante para a ocasião de pensarmos a relação entre filosofia e literatura no pensamento do autor - e inerente à própria concepção de literatura, ao "espaço literário" e ao conceito de "neutro", que são temas centrais de Blanchot.

Assim, nosso trabalho, pelo próprio recorte temático aqui proposto, tangencia as questões políticas - em certa medida muitas vezes criando a possibilidade mesma de estruturar determinados posicionamentos políticos para os autores. Assim, ainda que algumas questões sejam latentes para a análise da comunidade - a exemplo do Comunismo e de maio de 68 - que estão no bojo da concepção blanchotiana, oportuna e pontualmente remeteremos a estas questões, especialmente no que concerne à presença de Lévinas para tais contribuições de tomadas de posição de Blanchot.

---

<sup>8</sup> Segundo o autor: "A ambigüidade, em Blanchot, é o que afeta o real quando está preso entre as malhas da ficção. E a literatura mais realista não pode escapar do fenômeno que torna instável quando os encaminhamentos para a realidade são parasitados pelo próprio status do texto ficcional." - livre tradução de "L'ambigüité, chez Blanchot, c'est ce qui affecte le réel lorsqu'il est pris entre les mailles de la fiction. Et la littérature la plus réaliste ne saurait échapper à ce phénomène qui rend instable le sens lorsque les référents revoyant à la réalité sont parasités par le statut même du texte de fiction." (BUCLIN, 2011, p. 39)

## **Capítulo 02 - A escrita de Blanchot ou como escrever sobre Blanchot sem traí-lo**

Neste momento de nosso trabalho, que ainda possui a intenção de formar a base para o desenvolvimento do nosso recorte temático, há a intenção de analisar o modo como a escrita peculiar de Blanchot o situa de uma forma específica no cenário da literatura e da filosofia francesa contemporânea.

Para tanto, passaremos por alguns comentadores de Blanchot - a exemplo de Collin e - que são responsáveis por estabelecer uma determinada leitura do pensador, que pretendemos melhor analisar adiante.

### **2.2 - A presença de Blanchot no cenário francês contemporâneo**

A presença de Blanchot no cenário intelectual da França contemporânea, embora seu estudo tenha se iniciado de modo mais intenso muito recentemente, principalmente no Brasil , é de extrema relevância para a estruturação intelectual deste contexto, dialogando com filósofos e literatos - conforme já apontamos anteriormente a respeito dos interlocutores privilegiados.

Assim, o pensamento de Blanchot é consagrado como uma "obra fundamental de nosso tempo"<sup>9</sup>.

Embora possua uma presença considerável, a figura de Blanchot, assim como seu pensamento, trazem consigo uma aparente

---

<sup>9</sup> Livre tradução de: "oeuvre fondamentale de notre temps" (COLLIN, 1986, p. 19).

incoerência em relação a este cenário pois carregam em si o que fica caracterizados por seus comentadores como obscuro e fragmentado, inviabilizando mesmo a aproximação ao seu pensamento, principalmente por parte do grande público.

A menção à breve apresentação de Blanchot presente na maioria de seus livros - "Maurice Blanchot, romancista e crítico, nasceu em 1907. Sua vida foi inteiramente dedicada à literatura e ao silêncio que lhe é próprio." (BLANCHOT, 2013, p.III) - é realizada de modo recorrente por seus estudiosos para ilustrarem a presença de sua ausência.

Em relação a este modo específico de se fazer presente do autor, assim como a forma através da qual isto se relaciona à sua obra e à sua escrita, Julien Dugnoille na obra "O desejo de anonimato em Blanchot, Nietzsche e Rilke"<sup>10</sup> introduz sua tese a respeito do desaparecimento (desaparecimento castrador, para este comentador) da subjetividade e de rompimento com um determinado modelo de identidade destes escritores a partir de suas próprias obras - o que pode ser relacionado à "ausência" de Blanchot no cenário contemporâneo a partir da própria composição de sua escrita, o que veremos mais detidamente adiante na ocasião de análise de seu estilo.

Em tal ocasião Dugnoille relaciona Blanchot à sua obra - além de tangenciar a questão da comunidade de forma muito sutil - afirmando que o autor:

Tenta, nesse sentido, "postular" desta comunidade (talvez indizível) de artistas e autores, o que seria um reflexo da bela chama dessa ociosidade pela

---

<sup>10</sup> Título original: "Le désir d'anonymat - chez Blanchot, Nietzsche et Rilke" (DUGNOILLE, 2004).

expulsão do eu criado. (...) Blanchot inclui, em seu espaço literário, um grande número de autores que, por esse desejo de romper com uma certa forma de identidade, nos permitirão ilustrar, até mesmo enriquecer, nossa reflexão sobre esse desejo. de anonimato.<sup>11</sup>.

A partir análise poderíamos afirmar, de certo modo, que a ausência de Blanchot - ou mesmo a sua obscuridade - se estabeleceria de forma intencional e mesmo coerente em relação ao seu pensamento, ainda mais no que se refere ao fator fragmentário de sua escrita, conforme retomaremos adiante, afirmando, justamente, a diluição da subjetividade ou, mais precisamente, de uma subjetividade sem sujeito.

Em relação ao ostracismo de Blanchot em relação a alguns intelectuais - Tzvetan Todorov, Philippe Lesnard, Martlène Zarade - tem origem no próprio texto de Blanchot (solidão essencial) - (REGNIER, 2007, p. 16)

A agudeza de suas análises, a estranheza e complexidade de seu trabalho fazem de Blanchot um autor amplamente ignorado pelo "público em geral" e admirado por muitos intelectuais, tanto na França quanto no exterior. Se ele adquiriu certa notoriedade, não é graças aos críticos literários,

---

<sup>11</sup> Livre tradução de: "tente-t-il, en ce sens, de "postuler" à partir de cette communauté (peut-être inavouable) d'artistes et d'auteurs, ce qui relèverait de la fine flamme de ce désœuvrement par l'expulsion du moi qui crée. (...) Blanchot inclut, dans son Espace littéraire, un nombre conséquent d'auteurs qui, par cette volonté de rompre avec une certaine forme d'identité, nous permettront d'illustrer, voire d'enrichir, notre réflexion sur ce désir d'anonymat." (DUGNOILLE, 2004, p. 13).

mas sim a toda uma geração de filósofos que constantemente comentam sobre isso e reivindicam uma dívida em relação a ele (Deleuze, Derrida, Foucault, Levinas, Nancy)<sup>12</sup>

Hadrien Buclin ressalta que, embora Blanchot se recuse a efetivamente participar do meio literário francês - no sentido de uma recusa principalmente a assumir uma posição de destaque em relação às manifestações públicas e institucionais -, Blanchot se estabelece como

um dos representantes mais emblemáticos de um pequeno pólo de produção intelectual, governado sobretudo por processos de consagração simbólica e não comercial, nos círculos literários franceses da segunda metade do século XX.<sup>13</sup>

Sua escrita, transitando entre a crítica e a literatura, e que deve ser analisada em razão de sua própria estrutura - conforme adiante melhor analisaremos - é responsável por influenciar de modo decisivo escritores, artistas e filósofos no contexto denominado como "French Theory" pela tradição norte-americana (BIDENT, 2009, p. 104).

---

<sup>12</sup> Livre tradução de: "L'acuité de ses analyses, l'étrangeté et la complexité de son oeuvre font de Blanchot un auteur à la fois largement ignoré par le <<grand public>>et admiré par de nombreux intellectuels, tant en France qu'à l'étranger. S'il a acquis une certaine notoriété, ce n'est pas grâce aux critiques littéraires, mais plutôt à toute une génération de philosophes qui ne cesse de le commenter et de revendiquer une dette à son égard (Deleuze, Derrida, Foucault, Levinas, Nancy)." (HOPPENOT, 2015, p. 163).

<sup>13</sup> Livre tradução de: "un des représentants les plus emblématiques d'un pôle de production intellectuelle restreint, régi avant tout par des processus de consécration symbolique plutôt que commerciale, au sein des milieux littéraires français de la seconde moitié du XXe siècle." (BUCLIN, 2011, p. 10).

Ainda através da análise do pensador realizada por este autor, esta recusa em se fazer presente denotaria uma certa coerência da postura de Blanchot em relação ao seu pensamento, a literatura, marcada pela ruptura e autonomia (texto) guardaria uma relação intrínseca com a sua vivência (contexto) - relação que se estabelece de modo ainda mais evidente na ocasião de analisarmos esta interação sob a perspectiva da fragmentação - do mundo e da linguagem.

A caracterização da obra de Blanchot como "hermética" também é recorrente nos apontamentos realizados por seus comentadores designaria a dificuldade de adentrar e compreender o seu pensamento - talvez mais pela forma a que o autor se propõe a adotar do que propriamente o seu conteúdo, conforme analisaremos adiante.

No mais, a reconstrução deste contexto passa também, de certo modo, pela própria situação da filosofia neste cenário, determinada

Texto de Lévinas sobre Blanchot - fim da filosofia - Heidegger<sup>14</sup>. - Et cependant il ne tend pas à la philosophie. Non pas que son dessein soit inférieur à une telle mesure, mais Blanchot ne voit pas dans la philosophie l'ultime possibilité, [...], la limite de l'humain. Ce siècle aura donc été pour tous la fin de la philosophie ! - texto Lévinas sobre Blanchot

---

<sup>14</sup> A este respeito: "Blanchot não apenas re-age o gesto (filosófico) da delimitação da filosofia, mas também dá um lugar privilegiado a Hege Nietzsche, Heidegger e Levinas. A filosofia em sua delimitação (acabamento) é, portanto, duplamente o coração de seu pensamento e de sua escrita." - livre tradução de: "(...) non seulement Blanchot re-joue le geste (philosophique) de la délimitation de la philosophie, mais il accorde aussi une place privilégiée à HegeNietzsche, Heidegger et Lévinas. La philosophie en sa délimitation (finition) même se trouve donc doublement au coeur de sa pensée et de son écriture." (HARLINGUE, 2009, p. 28)

Nossa época, portanto, leva ao extremo a demanda pelo fim da filosofia, mas também traz consigo uma renovação e um enriquecimento histórico da pesquisa filosófica. Nosso tempo reconcilia radicalmente a filosofia com sua própria disparidade, assegurando ao mesmo tempo ainda sua sobrevivência pela multiplicação de suas formas e campos de investigação.<sup>15</sup>

A própria filosofia levaria a seu fim - texto de Blanchot *Notre compagne clandestine* - o movimento semelhante da literatura - texto do livro *por vir* para onde vai a literatura? ela caminha para o seu fim, a desapareição - mencionado - em resposta a "O que é a literatura?" de Sartre.

## **2.2 - A fragmentação**

Aprofundar a análise da escrita de Blanchot é articulador tanto para a melhor compreensão de Blanchot dentro do cenário intelectual quanto para melhor analisarmos a relação entre literatura e filosofia no interior de seu pensamento - no qual podemos considerar a questão da fragmentação como um aspecto relevante para iniciarmos este percurso.

A análise do estilo de escrita de Blanchot por si só mereceria um capítulo a parte, principalmente em razão de sua relevância para melhor compreendermos a presença de Blanchot no

---

<sup>15</sup> Livre tradução de: "Notre époque porte donc à l'extrême l'exigence de la fin de la philosophie, mais elle porte aussi en elle un renouvellement et un enrichissement historiques de la recherche philosophique. Notre époque reconduit de façon radicale la philosophie à sa propre disparition tout en assurant pourtant sa survie par la démultiplication de ses formes et de ses champs d'investigation." (HARLINGUE, 2009, p. 25).

cenário intelectual, conforme procuramos delinear outrora - "Porque para a dialética, primeiro, o fragmento não é: o fragmento é o nome dado a tudo quando não pode ser dito"<sup>16</sup>. Cabe ressaltar, em relação à especificidade do fragmento, expressamente, que "Fragmento não é aforismo"<sup>17</sup> - desenvolver que há um princípio fragmentário, não a totalização.

Aos principais comentadores do autor, conforme percorreremos adiante, a fragmentação de seus textos é o principal aspecto a ser ressaltado quando e, o que intentamos observar a partir disto é, justamente o modo como a opção pelo fragmentário acaba por alcançar a estrutura temática de Blanchot - em especial a relação como a forma se estabelece como necessária para a composição do conteúdo que se verifica como objeto de seus estudos.

Ainda antes de adentrarmos a esta análise, cabe realizarmos um apontamento a título de constatação, sem nos aprofundarmos mais nesta questão neste momento. Tal apontamento se refere aos diferentes gêneros literários percorridos por Blanchot ao longo da produção do extenso conjunto de suas obras.

Neste contexto, suas obras ficcionais, a exemplo de "Thomas, o obscuro" (sendo a primeira versão de 1941) e "Aminadab" (1942), que compõem o Blanchot romancista, possuem forte influência surrealista e jogam, literariamente, com os limites da realidade (e da própria literatura).

Em relação aos romances de Blanchot, embora neste trabalho estejamos mais próximos ao Blanchot crítico, aqui compreendido em sentido amplo, tanto relacionado à análise literária

---

<sup>16</sup> Livre tradução de: "Car pour la dialectique, d'abord, le fragment n'est pas: le fragment, c'est le nom que se donne le tout quant il n'arrive ni à se dire" (HILL, 2007, p. 78).

<sup>17</sup> Livre tradução de: "Le fragment, ce n'est pas l'aphorisme." (HILL, 2007, p. 79).

quanto à filosófica, é relevante apontarmos algumas questões mais gerais e que corroboram com a nossa proposta de análise, uma vez que a marca de sua proposta está presente também em sua obra ficcional. Buclin, ao analisar a obra ficcional do autor em comento, aponta que duas marcas principais presentes em seus livros e que compõem o cerne da escrita blanchotiana: "Esse trabalho de ambiguidade e estranheza está no coração do estilo blanchotiano, do qual ele é, por assim dizer, o princípio matricial."<sup>18</sup>.

Tal caracterização da escrita do autor são responsáveis por introduzir a temática do neutro e a concepção de fora, o que é intensificado a partir da compreensão da extensão do estilo fragmentário do autor que passamos a realizar.

A afirmação de que há uma relação entre forma e conteúdo na escrita de Blanchot, no sentido de que o estilo de escrita de Blanchot engendra os seus temas principais, assim como o objeto de seu estudo requer uma determinada forma de apresentação aparenta uma afirmação que aparenta uma certa trivialidade para qualquer estudo que se proponha de modo mais aprofundado e rigoroso em relação a qualquer autor. Ocorre que, em Blanchot, a extensão desta relação se estabelece quase que nos moldes a propor uma experiência ao leitor - experiência mesma da ruptura e da proposta do fora conforme concebida pelo autor<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Livre tradução de: "Ce travail de l'ambiguïté et de l'étrangeté s'inscrit au coeur même du style blanchotien dont il est pour ainsi dire le princié matriciel." (BUCLIN, 2011, p. 81)

<sup>19</sup> Christophe Samarsky sintetiza bem a relação da tematização do fragmentário e a/na própria escrita de Blanchot. Para este autor, a linguagem em Blanchot "não é um veículo ou o instrumento de uma autoridade subjetiva de brainstorming. Esta linguagem é a ordem da apresentação das coisas, mesmo por si só, sem distinções palavra / coisa que é uma abstração" - livre tradução de: "il n'est pas un véhicule, ou l'instrument d'une instance éconciatrice subjective. Ce langage est l'ordre de la présentations des choses même par elles-mêmes, sans distinctions mot/chose qui est une abstraction." (SAMARSKY, 2011, p. 97-98).

A influência do pensamento de Nietzsche, que se permeia pela relação com o eterno retorno, marcado também pelo estilo de escrita do filósofo

Em Nietzsche haveria duas palavras: uma que pertence ao discurso contínuo, coerente e sistemático da filosofia; e outra que fica de fora: descontínua, plural, intermitente, inacabado, palavra do intermediário, do limite e ao limite, que não é unificada, não é suficiente para si mesma, não conhece a contradição, e que está inscrita além de todo horizonte, seria a do ser ou do mundo como tudo.<sup>20</sup>

Em "O passo além" a questão do neutro e do fragmento:

A escrita fragmentária é a escrita da repetição, da variação, talvez uma arte da fuga. O narrador joga tanto com a epanortose quanto com o paradoxo, e aqui encontramos os atributos do neutro. (...) Se a escrita fragmentária é o lugar privilegiado para fazer ouvir o que é da espera é bom porque pode interromper a duração pela repetição.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Livre tradução de: Chez Nietzsche, il y aurait donc deux paroles: l'une qui appartient au discours continu, cohérent, systématique de la philosophie; et une autre qui reste en dehors: discontinue, plurielle, intermittente, inachevée, parole de l'entre-deux, de la limite et à la limite, qui n'est pas unifiée, ne se suffit pas à elle-même, ne connaît pas la contradiction, et qui s'inscrit au-delà de tout horizon, serait-ce celui de l'être ou du monde comme tout. (HILL, 2007, p. 81).

<sup>21</sup> Livre tradução de: "L'écriture fragmentaire est bien l'écriture de la répétition, de la variation, peut-être un art de la fugue. Le narrateur joue tout autant avec l'épanorthose que le paradoxe, et nous retrouvons ici les attributs du neutre. (...) Si

A escrita de Blanchot o coloca, segundo seus comentadores, em uma posição ainda mais próxima à influência de Nietzsche:

A impossibilidade de uma escrita fragmentária, sua necessária interpenetração com um discurso dialético que é a figura oposta, provavelmente significa que o fragmentário, sendo a inscrição anterior, arquivística e descontínua, também está lá vindo não cumprido do fora. O fragmentário está assim ligado à afirmação e à lei do eterno retorno do mesmo.<sup>22</sup>.

O advento do fragmentário não se daria como uma característica inerente unicamente ao terreno da linguagem - ou, mais precisamente, ao da escritura - mas estaria presente na própria concepção de mundo de Blanchot, que se apresentaria já de modo fragmentário, competindo à escritura a "responsabilidade de restaurar o fragmentário em seu primeiro status"<sup>23</sup>.

A conversa infinita - experiência limite 142 - Ausência do livro 111 e 112 - "O trabalho fragmentário não se reduz a um gesto singular de escrita, cria um novo leitor, que se perde, procura o

---

l'écriture fragmentaire est le lieu privilégié pour faire entendre ce qu'il en est de l'attente c'est bien parce qu'elle peut interrompre la durée par la répétition." (HOPPENOT, 2006, p. 31)

<sup>22</sup> Livre tradução de: "L'impossibilité de l'écriture fragmentaire, sa nécessaire interpénétration avec un discours dialectique qui en est la figure contraire, signifie sans doute que le fragmentaire, tout en étant l'antérieur, l'inscription archivale et discontinue, est aussi là venir non advenu de l'oeuvre. Le fragmentaire est donc lié à l'affirmation et à la loi de l'éternel retour du même." (SAMARSKY, 2011, p. 24)

<sup>23</sup> Livre tradução de: "responsabilité de restituer le fragmentaire dans son statut premier " (SAMARSKY, 2011, p. 21).

paedor, provavelmente assombrado e assombrado pela irrevogabilidade neutro"<sup>24</sup>

Annelise Schulte Nordholt analisa a obra de Blanchot a partir do que a autora denomina como sendo um "verdadeiro bilinguismo" que pode ser analisado sob o prisma não expressamente da relação entre filosofia e literatura, mas mais especificamente entre a análise teórica crítica e a ficção - "O trabalho de Maurice Blanchot é o produto de um conflito, de uma tensão que o atravessa. (...) Isso conclui não apenas o assunto de um questionamento teórico amargo nos ensaios críticos, Mas ainda está no centro da escrita do próprio Blanchot, uma escrita ecológica, no sentido de que, durante muitos anos, ela procura o caminho duplo dos ensaios críticos e da ficção."<sup>25</sup> - responsável por localizar a escrita de Blanchot em um "gênero indefinível"<sup>26</sup> - tal premissa de análise da obra de Blanchot faz com que a autora estruture a totalidade de sua obra em três momentos distintos (NORDHOLT, 2007, p. 86): o primeiro englobaria as obras dos anos quarenta - exemplificadas através de *Faux pas* e *La Part du feu* e mesmo da obra de ficção de estréia de Blanchot, *Thomas l'obscur* - nas quais ensaio e ficção formariam dois gêneros distintos; já o segundo momento - caracterizado pela autora como um "entre" o primeiro e terceiro momentos, mais bem definidos, que, - a exemplo de *L'Entretien infini* - e que Blanchot experimentaria diversos estilos e escrituras até a estruturação de um terceiro momento, que marcaria o contraste em relação ao primeiro e se concentraria nas obras dos anos setenta e oitenta, marcadas pelo

---

<sup>24</sup> Livre tradução de: "L'oeuvre fragmentaire ne se réduit pas à un singulier geste d'écriture, par là, elle crée un nouveau lecteur, qui ne cesse de se perdre, de rechercher la paerte, susceptible de hanter et d'être hanté par l'irrévocabilité du Neutre." (HOPPENOT, 2006, p. 35).

<sup>25</sup> Livre tradução de: "L'oeuvre de Maurice Blanchot est le produit d'un conflit, d'une tension qui la traverse de part en part.(...) Ce conclit non seulement fait l'objet d'un questionnement théorique acharné dans les essais critiques, mas encore il se trouce au centre de l'écriture même de Blanchot, écriture ecpérimentale au sens où, pendant de longues années, elle se cherche à travers la double voie des essais critiques et de la fiction." (NORDHOLT, 2007, p. 85).

<sup>26</sup> Livre tradução de: "genre indéfinissable" (NORDHOLT, 2007, p. 85).

encontro dos ensaios e ficções na escrita fragmentária de Blanchot - a exemplo de *Pas au delà* e *L'Écriture du désastre* - processo considerada pela autora como uma "evolução".

Ocorre que esta análise de Blanchot, que parte do início de suas obras, que possuem gêneros textuais mais bem definidos até chegar em suas obras finais fragmentárias se localiza em meio a outros argumentos e pode gerar uma questão em relação à própria situação do pensamento de Blanchot não apenas em relação à sua localização no cenário intelectual francês, conforme analisado no subcapítulo anterior, mas também em relação à articulação de filosofia e literatura em seu pensamento.

Olivier Harlingue (cf. HARLINGUE, 2009, p. 43-44) aponta, a partir de uma análise cronológica das obras de Blanchot e em linhas gerais, dois momentos nitidamente divergentes: o primeiro estaria contido entre *Faux pas* e *Livre à venir* e consagraria um momento de análise próprio à literatura - tanto à crítica quanto à experiência literária. Já no segundo momento, contido entre *Le Pas au-delà* e *L'Écriture du désastre*, haveria uma dupla divisão - marcante para o pensamento de Blanchot - e que conteria, por um lado, a análise do fenômeno literário através de uma problematização filosófica geral e, por outro, a apresentação do fragmentário como forma da escritura destacada da literatura e da filosofia - relacionado a Bideu.

### **2.3 - Filosofia e Literatura em Blanchot**

Escrever sobre filosofia e literatura em Blanchot se estabelece de modo não apenas a ser um objeto de estudo para este pensador mas, principalmente, percorre a composição de suas obras.

Assim, podemos observar, de modo mais amplo, dois grandes movimentos que se estabelecem na leitura de Blanchot e que

adiante serão mais detalhadamente estudados: um primeiro, que estabelece uma determinada forma dos comentadores de Blanchot lerem e analisarem a sua obra - que porventura podem provocar uma leitura por vezes normativa, classificativa e estabilizante (classificando Blanchot como filósofo ou não - o que notadamente não é nossa intenção

Tentativa de realizar um panorama problematizador - analisando, mais do que com a intenção de classificar, o modo como esta questão repercute no pensamento de Blanchot - e em especial no que isto implica em sua relação com Lévinas

Análise final anterior, estabelecendo uma relação

Considerar Blanchot, portanto, não é simplesmente reivindicá-lo por filosofia e apreciá-lo apenas nesses termos. Ele é um escritor de histórias em prosa e crítico literário, não um filósofo stricto sensu. É antes uma questão de definir a posição que Blanchot adota em relação a algumas questões filosóficas, uma posição que marca tudo o que ele escreve.<sup>27</sup>.

Através da propositura desta questão não intentamos realizar uma proposta de categorizar ou classificar o pensamento de Blanchot, estagnando-o como um literato ou como um filósofo, mas, justamente o oposto - ponto que será reforçado a partir de diversas

---

<sup>27</sup> Livre tradução de: "Considérer ainsi Blanchot, ce n'est pas simplement le revendiquer pour la philosophie et l'apprécier uniquement en ces termes. C'est un écrivain de récits en prose et de critique littéraire, pas un philosophe stricto sensu. Il s'agit plutôt de définir la position que Blanchot adopte face à quelques questions philosophiques, une position qui marque tout ce qu'il écrit." (HART, 2009, p. 25)

abordagens ao longo do nosso trabalho e que também se estabelece como um ponto de articulação em relação ao pensamento de Lévinas.

Primeiro: como Blanchot lida com a ficção e a suas obras de não ficção - que apenas referenciaremos neste momento como "teóricas" ou as que refletem de modo amplo<sup>28</sup> a respeito do "espaço literário" - "Além do confronto com sistemas de pensamento, a filosofia trabalha em Blanchot, um lugar para pensar sobre a escrita literária."<sup>29</sup>, mais adiante, o autor desenvolve que "Todo mundo reconhece que Blanchot não é estritamente falando um filósofo"<sup>30</sup>. Em igual sentido, temos que: "a singularidade de Blanchot no espaço do pensamento filosófico"<sup>31</sup>.

Roger Laporte, que estuda a relação entre filosofia e literatura no pensamento de Blanchot, vislumbra uma estrutura de escrita que não se esgotaria nem na literatura, nem na filosofia, criando uma terceira forma (intitulada como "scriptographie" - MACLACHLAN, 2009, p. 261), no sentido de que:

A pesquisa de Blanchot, na qual o espaço literário e a escrita filosófica se encontram, encontra seu apogeu em seus escritos fragmentários, nos quais

---

<sup>28</sup> De modo a subsidiar esta leitura ampla que os comentadores de Blanchot realizam sob a concepção de "teórico" temos que: "para alguns, o trabalho "teórico" de Blanchot desenvolve uma reflexão filosófica ou um pensamento ético; para outros, expõe antes uma reflexão política - questionar a lei incessantemente; para outros, é uma teoria da literatura ..." - livre tradução de "por les uns, l'oeuvre <<théorique>> de Blanchot développe une réflexion philosophique, ou une pensée éthique; pour d'autres, elle expose plutôt une réflexion politique - questionnant incessamment la loi; pour d'autres encore, il s'agit d'une théorie de la littérature...." (FRIES, 1999, p. 7)

<sup>29</sup> Livre tradução de: "Au-dèla de la confrontation avec des systèmes de pensée, la philosophie oeuvre à Blanchot un lieu pour penser l'écriture littéraire." (HOPPENOT, 2015, p. 164)

<sup>30</sup> Livre tradução de: "Tout le monde reconnaît que Blanchot n'est pas à proprement parler un philosophe." HOPPENOT, 2015, p. 164)

<sup>31</sup> Livre tradução de: "la singularité de Blanchot dans l'espace de la pensée philosophique." (REGNIER, 2007, p. 16)

a literatura e a filosofia nunca deixam de unir e desvendar elos.<sup>32</sup>

Assim, a posição seria uma não posição, uma aporia em relação à filosofia e à literatura - sem intenção de apresentar exatamente uma solução categórica, mas mais a intenção de apresentar as relações e rupturas entre os campos no pensamento de Blanchot (Cf.HOPPENOT, 2015, p. 164) e "esses autores não serão estudados por si mesmos, mas porque emprestam seu horizonte ao pensamento estudado, não sem receber dele, ailleurs, qualquer questionamento."<sup>33</sup>.

Relação de Blanchot com a filosofia é uma "relação particularmente complexa"<sup>34</sup>, pois: "A difícil receptividade de um estudo filosófico do trabalho de Blanchot deve-se aos três modos de exposição - literário, crítico, filosófico - que envolve, às posições que defende e ao seu estilo."<sup>35</sup>.

Assim, há uma sequência: "É fortalecido e nuançado apenas por se esconder em suas dobras. Esta situação é particularmente preocupante quando estas obras são filosóficas"<sup>36</sup>; " Isso nos levará a desvendar uma concepção de experiência literária que remodela o campo de toda a experiência humana."<sup>37</sup> - pois mais

---

<sup>32</sup> Livre tradução de: "Cette recherche de Blanchot - où se rencontrent l'espace littéraire et l'écriture philosophique - trouve son acmé dans ses écrits fragmentaires, où littérature et philosophie ne cessent de nouer et de dénouer des liens." (HOPPENOT, 2015, p. 164)

<sup>33</sup> Livre tradução de: Ces auteurs ne seront donc pas étudiés pour eux-mêmes, mais parce qu'ils prêtent leur horizon à la pensée étudiée, non sans recevoir de celle-ci, d'ailleurs, quelque questionnement." (COLLIN, 1986, p. 22)

<sup>34</sup> Livre tradução de: "relation particulièrement complexe" (CHOPLIN, 2015, p. 91).

<sup>35</sup> Livre tradução de: La difficile recevabilité d'une étude philosophique de l'oeuvre de Blanchot tient tant au triple mode d'exposition - littéraire, critique, philosophique - qu'elle comporte, qu'aux positions qu'elle défend, et à son style." (COLLIN, 1986, p. 12)

<sup>36</sup> Livre tradução de: "Elle ne s'affermit et ne se nuance qu'en se dissimulant dans leur replis. Cette situation est particulièrement troubrante lorsque ces oeuvres sont philosophiques." (COLLIN, 1986, p. 17)

<sup>37</sup> Livre tradução de: " Il va nous conduire à dégager une conception l'expérience littéraire qui remodèle le champ de l'expérience humaine tout entière." (COLLIN, 1986, p. 22.)

do que pensar a literatura, pensar as próprias condições de possibilidade da literatura - e " Escrito na experiência da escrita, esse pensamento permanece à margem da história da filosofia e da filosofia, na medida em que permanece indiferente."<sup>38</sup>.

A obra "Le Pas au-delà" pode ser compreendida "com sua alternância entre fragmentos filosóficos e fragmentos narrativos, marca a culminação de uma evolução dupla que começou no início dos anos 60: de um lado, o fim da história, do outro, do discurso crítico."<sup>39</sup> - e em *Conversa infinita* chegaria, de fato, a um "pensée proprement philosophique" - em consonância com o pensamento de Lévinas - e de Heidegger e Bataille também, a partir de uma "critique de la métaphysique occidentale" - "crítica da metafísica ocidental" (NORDHOLT, 2007, p. 95) - "os textos fictícios de Blanchot levantam questões que lembram muitas questões literárias e filosóficas."<sup>40</sup>. Pois podemos considerar que

Embora a obra de Blanchot esteja essencialmente no registro da crítica e da ficção, a filosofia sempre esteve no centro de seu questionamento, afirmando que "filosofia é a própria vida" ou que seria nosso companheiro para sempre, de dia, de noite, perdendo seu nome, tornando - se literatura".<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> Livre tradução de: Inscrite dans l'expérience de l'écriture, cette pensée demeure en marge de l'histoire de la philosophie, et de la philosophie, dans la mesure même où elle l'habite insoucieusement." (COLLIN, 1986, p. 18)

<sup>39</sup> Livre tradução de: " avec son alternance entre fragments philosophiques et fragments narratifs, marque l'aboutissement d'une double évolution qui s'est amorcée dès le début des années soixante: d'une part la fin du récit, de l'autre celle de la parole critique." (NORDHOLT, 2007, p. 95)

<sup>40</sup> Livre tradução de: "les textes fictionnels de Blanchot soulèvent des interrogations qui rappellent de nombreux questionnements tant littéraires que philosophiques." (cf. HURAUULT, 1999, p. 11).

<sup>41</sup> Livre tradução de: Si l'oeuvre de Blanchot s'inscrit essentiellement dans le registre de la critique et de la fiction, la philosophie a toujours été au coeur de son questionnement, déclarant que <<la philosophie

Assim, cabe apontarmos que não entraremos no mérito de uma divisão de Blanchot em períodos - o que no terreno da filosofia não é frequente, enquanto no da literatura - e em especial às obras ficcionais de Blanchot, isto ora seria analisado como um todo, desde suas obras e escritos iniciais até os finais, sem qualquer ruptura (cf. HURAUULT, 1999, p. 8), possuindo um fio condutor estruturado de modo diversos conforme os comentadores.

Algumas questões se intensificam ou se estabelecem de modo mais latente em determinadas obras. Em relação à obra ficcional de Blanchot: "on persistera donc à établir une unité d'ensemble même si chaque texte s'impose comme cas particulier" (cf. HURAUULT, 1999,p. 8)<sup>42</sup>. o que também não faria muito sentido se concebemos a escrita de Blanchot sobre genuinamente estabelecida sob a perspectiva do fragmentário, da dialética e do eterno retorno

Danielle Cohen-Levinas sobre a amizade de Blanchot e Lévinas

Se este sentido é filosoficamente ou fictício evocado, ou na formação dos dois, no limiar de um ou outro, de um com o outro, entre eles, em uma ondulação contígua que é indetectável, é de fato a prova da emoção o que significa que volta ao extremo discurso.<sup>43</sup>

---

était la vie même>> ou qu'elle <<serait notre compagne à jamais, de jour, de nuit, fusse en perdant son nom, en devenant littérature>>. (HOPPENOT, 2015, p. 163).

<sup>42</sup> Livre tradução de: "on persistera donc à établir une unité d'ensemble même si chaque texte s'impose comme cas particulier" (cf. HURAUULT, 1999,p. 8)

<sup>43</sup> Livre tradução de: "Que ce sens advienne philosophiquement ou fictionnellement, ou encore dans lemaillage des deuz, au seuil de l'un ou l'autre, de l'un avec l'autre, entre eux, dans un frôlement contigu

Assim, podemos considerar "a dialética atribuída por Blanchot a Hegel é descrita como uma linguagem, como um modo determinado a se relacionar com um interlocutor."<sup>44</sup>- desenvolver que a própria escrita de Blanchot intenta construir um outro - pautada pela ruptura e incerteza, além de considerar o poder mortal da palavra - (cf. FRIES, 1999, p. 9) caracterizando o discurso como destruidor assim que ele fala, jogando a todo momento com o fora de si mesmo, além do texto de Blanchot sobre a filosofia, pois - "Ler Blanchot de uma maneira filosófica é renunciar ao risco literário, recuperar as regiões tranquilizadoras da verdade, continuar a endossar a literatura como o dócil servidor da ordem filosófica."<sup>45</sup>, uma vez que a filosofia é incapaz de dar conta conceitualmente - é uma experiência? (MORA, 2009, p. 347) - considerar também L'écriture du desastre - (BLANCHOT, p. 158-159) a relação do fim do tempo e da filosofia.

Uma visão que em um primeiro momento seria um pouco mais conservadora em relação às aproximações que Blanchot realiza em relação à filosofia, inclusive em relação à Comunidade inconfessável:

Blanchot "usa" ou "fala com" a filosofia de uma maneira mais ou menos intensiva e, ao fazê-lo, desenvolve seu pensamento de escrever através de uma verdadeira peça em jogo na filosofia. (...)

---

indémêlable, est bien la preuve du frisson de sens qui remonte à l'extrême pont de la parole." (COHEN-LEVINAS, 2009, p. 76).

<sup>44</sup> Livre tradução de: "la dialectique attribué par Blanchot à Hegel est décrite comme un langage, comme un mode déterminé d'entrer en rapport avec un interlocuteur." (FRIES, 1999, p. 8)

<sup>45</sup> Livre tradução de: "Lire Blanchot de manière philosophique, c'est renoncer au risque littéraire, regagner les régions rassurantes de la vérité, continuer de faire endosser à la littérature le rôle de servante docile de l'ordre philosophique." (MORA, 2009, p. 346).

não só Blanchot não é e não pretende ser rigorosamente um filósofo (no sentido acadêmico e termo professoral-profissional), mas, acima de tudo, ele se esforça explicitamente para jogar com ou o filosofia sem fazer o seu jogo<sup>46</sup>

Blanchot não ser um filósofo lhe garante uma certa independência para questionar a própria filosofia.

A aparente contradição com a qual Olivier Harlingue encerra esta reflexão seria atribuída aos próprios traços de escrita do autor francês e, de certo modo, manteria uma determinada coerência em relação à sua estrutura de pensamento, em especial em relação ao neutro - que poderia ser analisada, neste aspecto, sob a influência de Hegel - pois, no momento em que nega a filosofia, também a afirma - o que estaria sob a guarda de um verbo transitivo, que requer um complemento, que se relacionaria à própria filosofia. Tal estrutura se relacionaria ao Neutro (o que retomaremos adiante de modo mais detido, em especial para a construção do pensamento de Blanchot em relação a Lévinas e para o conceito de comunidade)

Perspectiva de Blanchot permite não apenas uma crítica, em sentido amplo, sobre a literatura, mas também sobre a própria filosofia (conf. HARLINGUE, 2009, p. 24) - adicionar a idéia de "com" e não "e" ou "ou"

Sem sacrificar um ao outro, sem privilegiar um sobre o outro, Blanchot nos convida, na paciência

---

<sup>46</sup> Livre tradução de: "Blanchot <<utilise>> ou <<dialogue avec>> la philosophie de façon plus ou moins intensive et, ce faisant, élabore sa pensée de l'écriture à travers une véritable mise en jeu du tout de la philosophie. (...) non seulement Blanchot n'est pas et ne prétend pas être à proprement parler un philosophe (au sens universitaire et professoral-professionnel du terme) mais, aussi et surtout, il s'efforce explicitement de jouer avec ou de la philosophie sans faire son jeu" (HARLINGUE, 2009, p. 17).

e pânico da escrita (nem propriamente literária nem propriamente filosófica), a a indistinção radical e original da literatura e da filosofia, mostrando, assim, que os únicos diferem / divergem apenas no (s) fundo (s) sem fundo de uma "indiferença incalculável e imemorial."<sup>47</sup>

Relacionando ao "nem... nem..." do neutro, sendo referência apenas para a própria literatura. A possibilidade de se pensar o fora apenas haveria pela literatura, não pela filosofia, para a qual o conceito de fora já estaria englobado nela mesma. - (HARLINGUE, 2009, p. 37) - questão central da diferenciação da literatura e da filosofia - "Mas é difícil dizer, por muitas razões, se existe um sistema filosófico em Blanchot, um sistema cuja missão essencial é estabelecer e estabilizar um pensamento."<sup>48</sup>.

Considerando que, para Blanchot, a literatura apenas é capaz de fornecer a experiência do fora - e desobramento - o que a filosofia, com a sua força totalizante, não conseguiria, por si só, proporcionar à experiência do pensamento (HARLINGUE, 2009, p. 37-38).

---

<sup>47</sup> Livre tradução de: "Sans déricer l'une de l'autre, sans privilégier l'une sur ou par rapport à l'autre, Blanchot nous invite, dans la patience et l'affolement de l'écriture (ni proprement littéraire ni proprement philosophique), à trucher l'indistinction radicale et originelle de la littérature et de la philosophie montrant par là même que celles-ci ne diffèrent/divergent que sur le fond(s) sans fond(s) d'«une» indifférence incalculable et immémorable." (HARLINGUE, 2009, p. 27)

<sup>48</sup> Livre tradução de: "Mais il est difficile de dire pour de multiples raisons s'il existe un système philosophique chez Blanchot, système dont la mission essentielle est d'asseoir et de stabiliser une pensée." (HOPPENOT et MILON, 2010, p. 12).

## Capítulo 03 - A leitura blanchotiana de Lévinas

Aprofundar a relação e a contextualização a partir da referência de "La Communauté Désœuvrée" de Jean-Luc Nancy, cujo texto motivou a escrita de Blanchot de "A comunidade Inconfessável", assim como "La maladie de la mort" de Marguerite Duras, que busca realizar esta dimensão da comunidade na esfera do sujeito e relaciona a outro tema caro a Blanchot, qual seja, a morte.

A investigação que Blanchot propõe a respeito da Comunidade possibilita a articulação do autor de modo a propiciar a relação com Lévinas e Bataille de modo primordial. Neste sentido, conforme aprofundaremos adiante, a Ética de Lévinas é primordial para compreendermos a relação proposta, assim como para possibilitar a

A investigação de Blanchot se inicia na própria investigação do que está pressuposto por "comunidade", de modo que se desenvolva que a comunidade está no limite de sua não existência "A comunidade ocupa, portanto, esse lugar singular: ela assume a impossibilidade de sua própria imanência, a impossibilidade de um ser comunitário como sujeito." - ponto no qual podemos aproximar a Bataille, conforme veremos, em razão do encontro do limite do "fora", além do próprio Blanchot - e, mais adiante, conclui que "A comunidade assume e inscreve de alguma maneira a impossibilidade da comunidade..." (BLANCHOT, 2013, p. 23).

Tal investigação apenas chegará ao final do trajeto

será que isso quer dizer que ela não se confessa, ou então que ela é tal que não há confissões que a revelam, já que, cada vez que se falou de sua maneira de ser, pressente-se que não se apreender dela senão aquilo que a faz existir por ausência? (BLANCHOT, 2013, p. 76)

Não há de se ignorar o viés político que tal tema adquire em Blanchot

Maio de 68 mostrou que, sem projeto, sem conjuração, podia, na repentinidade de um encontro feliz, como uma festa que abalava as formas sociais admitidas ou esperada, se afirmar (se afirmar para além das formas usuais da afirmação) a *comunicação explosiva*, a abertura que permitia a cada um, sem distinção de classe, idade, sexo ou de cultura, se unir, abrindo caminho, com o primeiro que viesse, como com um ser já amado, precisamente porque ele era o familiar-desconhecido. (BLANCHOT, 2013, p. 44)



## A relação com a Filosofia e a Literatura

A proposta neste momento de nosso trabalho é a de analisar a relação do pensamento de Emmanuel Lévinas com o de Maurice Blanchot, realizando um recorte temático estabelecido a partir da própria filosofia, de modo a aprofundar e concentrar as múltiplas possibilidades de interações entre os autores. Para tanto, partiremos, principalmente, de textos em que cada um dos pensadores se dedicou a estudar e a dialogar com o outro - a exemplo de "Sobre Blanchot", de Lévinas, além de trechos da "A Conversa Infinita", de Blanchot.

A estas obras se somam, atualmente, as possibilidades de leituras de diversos temas que se comunicam nas obras destes autores - o estatuto do estrangeiro, a alteridade, a escritura e a palavra, entre outros. Para além destes muitos temas que relacionam os autores, gostaríamos de aprofundar nossa análise considerando a dimensão e a situação que a filosofia ocupa no pensamento de Blanchot e, em especial, o modo como a amizade com Lévinas e o contato com seus estudos influenciam e possibilitam este recorte.

Com isto, pretendemos considerar a presença de Blanchot no cerne da filosofia francesa contemporânea, responsável por estabelecer um diálogo - ainda que nem sempre tão facilmente identificável, em razão do próprio estilo adotado pelo autor - com outros pensadores - a exemplo de Jean-Paul Blanchot e Michel Foucault além, claramente, de Emmanuel Lévinas. Assim, localizaremos a nossa abordagem em meio a outros estudos que já foram realizados a este respeito - a exemplo de "Au-delà du pouvoir ?

Lévinas, Blanchot et la philosophie française contemporaine" de David Uhrig, "Trois préludes sur les divergences entre Lévinas et Blanchot: la Transcendance, la Mort et le Neutre" de Smadar Bustan, e de textos que acabam por explorar a temática da filosofia dentro do pensamento de Blanchot, uma vez que esta aproximação não é dada tão obviamente nos estudos sobre o autor, a exemplo de "Entre Blanchot et la philosophie" Alain Milon e, em especial, "Le Neutre dans les limites de la philosophie" de Daiana Manoury. A partir do estabelecimento deste complexo contexto é que a presença de Lévinas se fará relevante para o nosso recorte temático, de modo a proporcionar uma linha condutora para o percurso proposto a respeito da relação destes autores com a filosofia.

No livro intitulado "*Blanchot L'obscur ou La Déraison Littéraire*" Henri de Monvallier e Nicolas Rousseau analisam a figura de Blanchot e o tomam por "um filósofo sem pensamento"<sup>49</sup> considerando, inicialmente, que o "propósito filosófico do autor" seria um tanto quanto "confuso"<sup>50</sup>.

A partir disto, a análise aqui proposta possui duas intenções iniciais diversas, entretanto complementares, (I) busca aprofundar a relação de Maurice Blanchot com a Filosofia mas, para tanto, (II) nos aproximarmos de Emmanuel Lévinas para, justamente, melhor compreendermos esta relação.

A interlocução entre os autores notadamente se estabelece de um modo peculiar - menos, talvez, pelos aspectos

---

49 Livre tradução de: "Um philosophe sans pensée" (MONVALLIER et ROUSSEAU, 2015, p.117)

50 No original: "(...) c'est que son propos est plutôt confus." (MONVALLIER et ROUSSEAU, 2015, p.119)

teóricos que aqui destacaremos e mais pela admiração mútua entre Lévinas e Blanchot, principalmente em razão de Blanchot ser demasiadamente reservado e recluso do que poderíamos considerar como a composição de uma cena intelectual da França contemporânea.

Assim, partimos de um breve texto de Blanchot intitulado "Conhecimento do Desconhecido", presente em "Conversa Infinita 1 - A Palavra Plural" para realizarmos o percurso aqui pretendido.

O texto, que se inicia com a indagação "O que é um filósofo?" (BLANCHOT, 2010, p. 95) dialoga com dois autores muito próximos a Blanchot: Emanuel Lévinas e Georges Bataille - este último que também se faz presente como interlocutor em "L'Amitié" em 1971. Blanchot caracteriza o filósofo como alguém que tem medo - mas, destaca-se, um medo qualificado, pois "pelo pavor, saímos de nós mesmo e assim fazemos a experiência assustadora daquilo que é inteiramente fora de nós e radical alteridade: o próprio exterior" (BLANCHOT, 2010, p. 95).

Assim, o desconhecido - tema caro aos debates presentes na França contemporânea - situa o filósofo como um ser angustiado, como aquele que, conhece o desconhecido, que experimenta os limites e, principalmente, o fora deste limite e que traz algumas questões peculiares: "como descobrir o obscuro sem pô-lo a descoberto? Que experiência do obscuro seria esta na qual o obscuro dar-se-ia em sua obscuridade?" (BLANCHOT, 2010, p. 98).

Neste contexto, forma-se um cenário interessante, pois, no momento em que este não-conhecido torna-se conhecido, podemos reduzir o primeiro ao segundo - movimento que quebraria a absoluta alteridade do desconhecido e, de certo modo, perderia o caráter de "desconhecível" - elemento que importa a Blanchot, justamente por sua irreducibilidade. Neste sentido, podemos observar

um movimento semelhante à argumentação levinasiana em relação ao Mesmo e ao Outrem - o absolutamente outro.

Assim, é o medo, mais do que o próprio conhecimento (ainda mais o reconhecimento racional, visto que o medo remete à sensibilidade) que marca o filósofo, a atitude filosófica. É neste sentido que a admiração de Blanchot por Lévinas emerge pois, a partir deste, "é como um novo ponto de partida da filosofia e um salto que ela e nós seríamos convocados a dar" (BLANCHOT, 2010, p. 98).

Com isto, Blanchot destaca e endossa o cerne das considerações de Lévinas a respeito da necessidade da predominância da ética - e não mais da ontologia - como filosofia primeira no cenário contemporâneo:

De uma maneira geral, quase todas as filosofias ocidentais são filosofias do Mesmo e quando elas se preocupam com o Outro, este não passa de um outro eu mesmo, sendo, no melhor dos casos, igual ao eu e procurando ser reconhecido por mim como Eu (assim como eu por ele), numa luta que é por vezes luta violenta, por vezes violência apaziguada no discurso. Mas somos conduzidos pelo ensino de Lévinas em direção a uma experiência radical." (BLANCHOT, 2010, p. 99).

A partir disto, Blanchot observa quatro movimentos diferentes realizados por Lévinas que, de certo modo, expressariam esta relação entre o conhecido e o desconhecido e, principalmente, da manutenção desta separação na relação. São eles: a relação entre o finito e o infinito, o Desejo, a relação com o Rosto de Outrem e a linguagem - em especial a linguagem falada, o dizer.

Dentre estes, talvez o mais objetivamente compreensível seja o da relação entre o finito e o infinito, que retoma Descartes: o eu, finito, pensa o infinito e, neste movimento, "o pensamento pensa o que o ultrapassa infinitamente e o que ele não pode dar conta por si próprio: ele pensa então mais do que pensa" (BLANCHOT, 2010, p. 100). Assim, a idéia de desconhecido, de estrangeiro, de alteridade absoluta, de impossibilidade de redução do segundo termo ao primeiro, mas, ainda assim, a manutenção de uma relação entre termos separados - refutando a possibilidade de solipsismo.

Ocorre que, mais do que adentrar às estruturas do pensamento levinasiano, Blanchot tende a considerar o que o pensamento de Lévinas representa pois este, possibilitaria, de certo modo - ao considerar a ética e não a ontologia como a filosofia primeira, o fim de uma determinada maneira de se entender o que é a filosofia:

Observemos que ela [a construção do pensamento de Lévinas] poderia levar-nos à denuncia de todos os sistemas dialéticos, e também da ontologia, e inclusive, de quase todas as filosofias ocidentais, daquelas pelo menos que subordinam a justiça à verdade ou não aceitam como justa senão a reciprocidade das relações" (BLANCHOT, 2010, p. 107).

Ao recriarmos este contexto, no qual Blanchot se envolve com a construção do pensamento filosófico e com os posicionamentos de Lévinas, podemos retomar diversos aspectos da obra deste autor - os quais são, inclusive, apontados por Lévinas.

De plano, podemos considerar que a negativa ou afirmação de "Blanchot filósofo", que perfaz uma necessidade de categorização oculta em questões como "o que é um filósofo?", para

retomarmos Blanchot, ou "o que é a filosofia?" - e mesmo "o que é a literatura?", para lembrarmos Blanchot, passa a receber aqui uma configuração peculiar, visto que a própria filosofia experimental, com Lévinas, a experiência de seu fora.

No início de "O olhar do poeta" Lévinas considera que

Blanchot, no entanto, não tende à filosofia: não é questão de ser inferior a tal medida, mas que Blanchot não vê na filosofia uma possibilidade final, nem reconhece, por outros, a possibilidade em si - no "eu posso" - o limite do humano.<sup>51</sup>.

A partir das considerações de Blanchot em "Conhecimento do Desconhecido" a afirmação de Lévinas, de um não pertencimento de Blanchot à filosofia, ganha um aspecto próprio e que guarda relação com o movimento que observamos mas, o que Lévinas faz em relação à ética, Blanchot o faria em relação à arte e, especificamente, com a literatura, pois esta "nos lança, assim, a uma margem onde nenhum pensamento pode chegar; leva ao impensável."<sup>52</sup>

Assim, é iniciado um movimento um tanto quanto semelhante ao que envolve o "Conhecimento do desconhecido", que no contexto literário é reproduzido do seguinte modo: "A essência da arte seria passar da linguagem ao indizível que se diz, para tornar visível através do trabalho a obscuridade do elementar."<sup>53</sup>.

Este movimento, apresentado aqui tanto em relação a Blanchot quanto a Lévinas, retoma o princípio de nosso texto,

---

<sup>51</sup> Livre tradução de: "Y sin embargo, Blanchot no tiende a la filosofía. No se trata ya de que su pretenció sea inferior a una medida tal, sino de que Blanchot no ve en la filosofía la última posibilidad, ni reconoce, por los demás, en la posibilidad misma - en el "yo puedo" - el límite de lo humano." (LÉVINAS, 2000, p. 30).

<sup>52</sup> Livre tradução de: " nos arroja así a una margen donde ningún pensamiento puede arribar; desemboca en lo impensable." ." (LÉVINAS, 2000, p. 38).

<sup>53</sup> Livre tradução de: La esencia del arte consistiría en pasar del lenguaje a lo indecible que se dice, en hacer visible por medio de la obra la oscuridad de lo elemental. (LÉVINAS, 2010, p. 38).

mobilizando a Filosofia e também, de certo modo, a Literatura, de modo que gostaríamos de aprofundar dois aspectos: (I) ressaltando a maneira como Blanchot lida com a Filosofia e a Literatura para (II) retomarmos a argumentação acima desenvolvida sob o conceito de "fora" trazido por Blanchot.

Em uma breve análise dos comentadores de Blanchot, podemos considerar que não há um consenso conceitual do que poderíamos compreender como Filosofia ou como um fazer filosófico. Para cada um dos autores, que brevemente retomaremos, há uma concepção diferente que o relacionaria à Filosofia: ora uma análise de estilo, ora uma análise dos temas propostos por Blanchot ou mesmo dos interlocutores destes - muitas vezes filósofos, como Blanchot, Heidegger e o próprio Lévinas.

Neste sentido, sem que entremos ainda materialmente na análise de Blanchot e no mérito das aproximações realizadas por Henri de Monvallier e Nicolas Rousseau, cabe destacarmos que, a respeito da relação entre Filosofia e Literatura, Blanchot participaria, de certo modo, dos dois, da seguintes forma: "Nem verdadeiramente literatura (mas preferencialmente reflexão sobre a literatura), nem verdadeiramente filosofia (pois desprovida de argumentação verdadeira), a obra de Blanchot joga em ambos registros permanecendo em um estilo híbrido."<sup>54</sup>.

No texto que abre a obra *Maurice Blanchot et la philosophie* organizada por Éric Hoppenot e Alain Milon, o último escreve o texto *Entre Blanchot et la philosophie* estabelecendo, justamente, linhas da relação compreendida entre Blanchot e a Filosofia, considerando o que o "e" pode compreender.

---

<sup>54</sup> Livre tradução de: "Ni vraiment littérature (mais plutôt réflexion sur la littérature), ni vraiment philosophie (car dénuée de véritable argumentation), l'oeuvre de Blanchot joue sur les deux registres en permanence dans un style hybride." (Cf. MONVALLIER et ROUSSEAU, 2015, p.137).

As dificuldades inerentes à escrita de Blanchot já destacadas por Henri de Monvallier e Nicolas Rousseau também parecem como um ponto a ser considerado por Milon, de modo que relacionar o autor à Filosofia seria, conseqüentemente, uma tarefa complexa: "Mas é difícil dizer, por muitas razões, se há um sistema filosófico em Blanchot, sistema cuja missão principal é estabelecer e estabilizar um pensamento."<sup>55</sup>

O texto inicial da obra de Hoppenot e Milon tem um ênfase semelhante à que pretendemos estabelecer neste momento do nosso texto, qual seja, de investigar as diversas possibilidades de interação entre Blanchot e a Filosofia. Quanto a isto, os questionamentos de Blanchot em relação ao Neutro (e, principalmente, ao conceito de Fora) ganharão relevância para a Filosofia, em razão do modo como este se estrutura - e que retomaremos adiante - mas que ao mesmo tempo também não se esgotam nela: "Nós diremos, então, quer para acessar ao Neutro, quer para o nomear ou para o entender, para o fazer acessar a uma forma - necessariamente particular - de visibilidade, é necessário sair da filosofia."<sup>56</sup>.

Embora sem definir uma "classificação" para Blanchot neste momento, Milon realiza uma importante constatação a respeito da obra do autor, qual seja:

Escritura filosófica, escritura literária, escritura poética? Talvez os três juntos! Pouco importa, porque as escrituras ricas são plurais. Elas mostram que não há uma escritura filosófica, mas escrituras

---

<sup>55</sup> Livre tradução de: "Mais il est difficile de dire pour de multiples raisons s'il existe un système philosophique chez Blanchot, système dont la mission essentielle est d'asseoir et de stabiliser une pensée." (MILON, 2010, p.2).

<sup>56</sup> Livre tradução de: "On dira alors que pour accéder au Neutre, pour le nommer, pour l'entendre, pour le faire accéder à une forme – forcément particulière – de visibilité, il faut sortir de la philosophie." (MARTY, 2009, p. 86).

filosóficas. Porém, uma coisa é certa. Blanchot não está no sistema filosófico no sentido tradicional do termo; ele é na correspondência, não aquela da forma epistolar, mas a de base.<sup>57</sup>.

A este respeito, ainda no sentido de estabelecermos um panorama do contato de Blanchot com a Filosofia, podemos destacar o modo como o autor, em 1971, analisa a linguagem filosófica e, para tal, o faz a partir da perspectiva de Maurice Merleau-Ponty. Nesta oportunidade Blanchot aproxima o escritor e o filósofo e, mais do que isto, destaca algumas características do discurso filosófico

(...) a filosofia é seu discurso, o discurso coerente, historicamente ligado, conceitualmente unificado, formação de sistema e ainda em fase de conclusão ou um discurso, não apenas múltiplo e fragmentado, mas incompleto, marginal, rapsódico, ponderando e dissociado de qualquer direito a ser falado, ainda que por aqueles que se sucederem, anonimamente, para apoiar e continuar a fazer isso. Esta é, talvez, uma característica que devemos lembrar: o discurso filosófico é primeiramente sem direito.<sup>58</sup>

Frente a este cenário em que a relação de Blanchot com a Filosofia é, a todo momento, colocada à prova podemos considerar o

---

<sup>57</sup> Livre tradução de: "Écriture philosophique, écriture littéraire, écriture poétique ? Peut-être les trois réunies! Peu importe d'ailleurs car les écritures riches sont plurielles. Elles montrent qu'il n'y a pas une écriture philosophique, mais des écritures philosophiques. Une chose est sûre cependant. Blanchot n'est pas dans le système philosophique au sens classique du terme; il est dans la correspondance, pas celle de la forme épistolaire mais celle de la strate." (MILON, 2010, p. 5).

<sup>58</sup> Livre tradução de: "(...) la philosophie est son discours, le discours cohérent, historiquement lié, conceptuellement unifié, formant système et toujours en voie d'achèvement ou un discours, non seulement multiple et interrompu, mais lacunaire, marginal, rhapsodique, ressassant et dissocié de tout droit à être parlé, fût ce par ceux qui se succéderaient, anonymement, pour le soutenir et le poursuivre en le rendant présent. Voilà peut-être un trait qu'il nous faut retenir: le discours philosophique est d'abord sans droit." (BLANCHOT, 2010.2, p. 2).

Fora e o Neutro não apenas como uma palavra, mas sim como um termo, um conceito "filosófico" (Cf. MONVALLIER et ROUSSEAU, 2015, p.140).

De um modo mais objetivo, devemos retomar a explicação de Peter Pál Pelbart de modo a auxiliar a compreensão do "fora":

O que é uma força? É relação com outra força. Uma força não tem realidade em si, sua realidade íntima é sua diferença em relação às demais forças, que constituem seu exterior. Cada força se "define" pela distância que a separa das outras forças, a tal ponto que qualquer força só poderá ser pensada no contexto de uma pluralidade de forças. O Fora é essa pluralidade de forças. O Fora, que é o exterior da força, é também sua intimidade, pois é aquilo pelo que ela existe e se define. O Fora não é a plenitude de um vazio onde viriam alojar-se as diferentes forças previamente constituídas. O Fora é a distância entre as forças, isto é, a Diferença. (PELBART, 1989, p. 121)

Em um outro momento do texto, o autor analisa novamente o conceito de "fora", mas agora relacionando-o a Lévinas:

A questão do Outro em Blanchot segue a trilha aberta por Emmanuel Levinas, que em sua ética "fundamental" substituiu, ao primado da ontologia, o da relação de alteridade. Entretanto, ao assimilar o Outro ao Fora, (...) Blanchot utiliza essa ética como uma estratégia de des-

subjetivação (...), isto é, de abertura para o Fora.  
(PELBART, 1989, p. 99).

Assim, encaminhando à nossa conclusão, podemos considerar que a relação de Blanchot com a Filosofia se estabelece pelo seu "fora". Talvez por este motivo a dificuldade de seus comentadores em defini-lo como um filósofo seja tão recorrente. A "filosofia" na qual ele se situaria, não é mais a que compreendemos em sua construção histórica no ocidente, pautada pela ontologia e pelo mesmo, mas sim uma nova filosofia (ou mesmo a morte da filosofia) - trazida, principalmente, por Lévinas.

Realizados os apontamentos precedentes a respeito da obra de Jean-Paul Blanchot, a partir dos quais percorremos pontos que consideramos relevantes para que se crie um debate em torno da relação entre Intersubjetividade e Linguagem, podemos agora passar para a obra de Emmanuel Lévinas.

Na análise deste filósofo observaremos, para além do desenvolvimento de suas concepções de Intersubjetividade e de Linguagem, um outro movimento em seu pensamento que nos interessa para os fins desta dissertação, uma vez que uma dupla intenção que se perfazem em um mesmo ato. Ao mesmo tempo em que realiza suas exposições, Lévinas estabelece uma crítica à filosofia de seu tempo.

Tais críticas serão direcionada amplamente a "filosofia ocidental"<sup>59</sup>, mas, por vezes, são direcionadas para algum filósofo em especificamente. Entre estes filósofos, principalmente Husserl e Heidegger, algumas críticas são direcionadas ao próprio Blanchot,

---

<sup>59</sup> A título de exemplo, podemos considerar dois momentos nos quais Lévinas direciona críticas à "Filosofia ocidental": o primeiro em *Totalidade e Infinito* (TI, p. 31) e o segundo em *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* (AE, p. 207). Em ambas as ocasiões o filósofo utiliza o termo para caracterizar o estudo realizado pela filosofia ocidental como relacionado à ontologia, em oposição à sua postura relacionada à ética.

algumas vezes direta e outras indiretamente, sendo algumas concernentes à exposição precedente que realizamos do filósofo.

Para os fins propostos nesta dissertação, consideraremos a visão levinasiana da intersubjetividade e da linguagem, além da interação entre ambas. Conforme observaremos, ambos os temas aqui objeto de estudo encontram-se no bojo da filosofia de Lévinas e requerem, portanto, uma reconstrução argumentativa diferenciada da sartriana. Se para Blanchot tivemos que recriar todo o contexto no qual o filósofo aborda a linguagem, para Lévinas a abordagem será outra. Para este, uma vez que a linguagem e a intersubjetividade estabelecem questões que permeiam todo seu pensamento, realizaremos um recorte dentro de tais temas para alcançarmos o que intentamos com esta dissertação.

Neste sentido, o recorte se dará com a intenção de, a partir da perspectiva fornecida pela Linguagem, pela Intersubjetividade e suas interações, relacionar Blanchot e Lévinas. Para tanto, nossa análise tentará uma abordagem tanto das concepções levinasianas a respeito de tais temas, como da construção destas a partir de uma crítica aos seus contemporâneos (marcada, conforme veremos, pela dicotomia da ontologia e da ética) – a medida que estas críticas também são, frisamos, explícita ou implicitamente direcionadas à Blanchot.

Frente a este cenário, cabe realizarmos uma consideração de ordem metodológica a respeito de nossa abordagem em relação ao pensamento levinasiano. Quando da nossa proposta de análise de Blanchot estabelecemos uma análise da Intersubjetividade e da Linguagem que respeitou, aproximadamente, a sequência cronológica de suas obras. Em cada uma destas obras, particularmente, estabelecemos um percurso de análise diferenciado, de modo que pudéssemos conferir a abordagem pretendida aos temas de nossa dissertação.

Estabelecido tal percurso ao longo do pensamento sartriano, ao nos depararmos com a estrutura apresentada por outras possibilidades de análise devem ser estabelecidas, para que se contemplem as intenções do filósofo em suas obras.

Em Lévinas as temáticas da Intersubjetividade e da Linguagem situam-se no bojo de seu pensamento em uma relação dissociável e se relacionam a diversos outros conceitos que necessariamente são acrescentados para a sustentação de ambos. Neste sentido, a relação entre os temas dentro de seu pensamento se estabelecem, comparativamente a Blanchot, em maior extensão e apresentam maiores reflexos.

A partir disto, a nossa proposta de recorte, lidar com algumas com a complexidade decorrente do próprio modo como o filósofo organiza o seu pensamento. Nas palavras de um de seus comentadores: "Suas ideias misturam-se umas com as outras de tal forma que, por exemplo, se estamos interessados no significado da linguagem somos rapidamente obrigados a ler sobre diálogo, ceticismo, tempo, Deus e assim por diante." (HUTCHENS, 2007, p. 12-13).

E, no mesmo sentido, apontamos as considerações de Lévinas a respeito de seu próprio pensamento:

Todo este trabalho não procurou descrever a psicologia da relação social, sob a qual se manteria o jogo eterno de categorias fundamentais, refletida de uma maneira definitiva na lógica formal. A relação social, a ideia do infinito, a presença de um continente ao ultrapassar a capacidade do continente, foi, pelo contrário, descrita neste livro como a trama lógica do ser. (TI, p. 269 - *grifo nosso*).

É justamente a denominação escolhida nas palavras de Lévinas, a “trama lógica do ser”, que expressa bem a ideia que desejamos para justificar a nossa leitura de tal filósofo. A trama traz consigo a concepção de algo construído a partir de diversas intersecções e, tal como um tecido, é originada de diversos fios em conexão. Deste modo, pretendemos destacar alguns temas dentro de Lévinas que nos auxiliarão na construção dos objetos de nossa dissertação, que necessariamente nos levarão a abordagem de outras temáticas conexas e igualmente importantes para a estruturação do pensamento do filósofo.

Assim sendo, a nossa proposta é de um recorte temático, privilegiando a Intersubjetividade e a Alteridade, que não seguirá, necessariamente, o desenvolvimento textual de cada uma das obras de Lévinas, mas sim através de pontos que consideramos relevantes para a composição dos temas.

Com este intuito, restringiremos nossos estudos a duas obras prioritariamente: *Totalidade e Infinito* (1961) *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence* (Livre tradução para: *Outramente que ser ou para-além da essência*, de 1974). No que se refere à primeira, acompanharemos a análise de alguns pressupostos para a composição do pensamento de Lévinas para que, com base na segunda obra, se intensifique o estudo do contexto de produção da crítica levinasiana que se dará, conforme aprofundaremos oportunamente, a partir de uma perspectiva da linguagem.

Com isto, tencionamos que a exposição de Lévinas se estabeleça como uma construção em contraposição ao que critica, do mesmo modo que esta diferenciação reforce a estrutura de ambos os elementos formadores de tal oposição. Além disto, desejamos que, a partir desta crítica e do estabelecimento desta oposição, se sobressaia a figura do próprio Blanchot, enquanto integrante da “filosofia ocidental” compreendida por Lévinas.

Antes de entrarmos propriamente nos elementos que desejamos estudar no pensamento de Lévinas, um ponto importante deve ser observado na conjuntura de sua obra: o estatuto da Ética neste contexto. Contrariamente a seus contemporâneos (dentre os quais podemos apontar, inicialmente, a postura de Blanchot) a Filosofia Primeira para Lévinas é a Ética e não a Ontologia. Estabelecer o primado ético em um sistema de pensamento confere, conforme veremos, destaque tanto à Intersubjetividade quanto à Linguagem, que passam a ter uma abordagem indissociável e, na visão do filósofo, diferenciada em relação a outros pensadores.

Esta substituição não é uma busca por suprimir a Ontologia, mas para Lévinas a Ontologia já estaria pressuposta na Ética: tratar das relações entre os seres (Ética) já teria como pressuposta a existência dos mesmos (Ontologia) (EN, p.21), de modo a ampliar o foco central de sua filosofia e passar às relações mesmas, com o privilégio da figura do Outro.

O que Lévinas propõe, inicialmente, é uma mudança de paradigma, da autonomia de um Ser Mesmo (conforme será caracterizado mais adiante) e da caracterização de sua existência para uma Ética, que respeita a heteronomia, que não tem o seu ponto central no Mesmo, mas no Outro e que, deste modo, articula as relações intersubjetivas de modo privilegiado. O desenvolvimento filosófico, para o autor, não encontra mais o seu centro no sujeito isoladamente, mas no exterior do Outrem, no Entre-Nós.

Esta defesa da Ética em relação à Ontologia é estabelecida nos seguintes moldes em seu livro *Totalidade e Infinito*: aquela é uma “defesa da subjetividade, mas não a captará ao nível do seu protesto puramente egoísta contra a totalidade” (TI, p. 13). Deste modo, a Ética levinasiana pensa a relação do Eu com o exterior, com o Outrem (absolutamente Outro), de forma necessária.

Esta relação com a alteridade, enquanto ética, abrange ambos os termos da relação intersubjetiva, uma vez que: “a

alteridade só é possível a partir de mim” (TI, p. 27). Deste modo, o desenvolvimento filosófico de Lévinas sobre a subjetividade não fica preso unicamente ao estatuto do Ser, do Sujeito, mas a ultrapassa para a composição de uma dimensão ética, em direção ao Outro.

Já a Ontologia, por outro lado, em sua estrutura reduz o Outro ao Eu, ao Mesmo, é uma egologia, que receberá a crítica de Lévinas como sendo uma Filosofia do poder e da dominação, que nunca coloca este Eu central em questão, fator que concede o peso da injustiça à Ontologia. Neste sentido, podemos compreender este diagnóstico como uma crítica direcionada a Blanchot, principalmente a partir da análise do pensamento deste no período referente a *O Ser e o Nada*.

Neste cenário ontológico apresentado há, para Lévinas, a caracterização de uma crise do Humanismo na Filosofia contemporânea <sup>60</sup>, sendo necessário, deste modo, reestabelecer algumas concepções para que seja conferida maior importância à condição da Alteridade e para que o cenário passe a ser ético.

Esta crise do humanismo diagnosticada por Lévinas (“A crise do humanismo em nossa época tem, sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições.” – DE, p. 71, grifo nosso) encontra um momento histórico preciso e reflete na maneira que o filósofo apresenta sua Ética.

A contextualização realizada por François Poirié em muito nos auxilia a esclarecer a densidades destas raízes históricas refletidas na ética levinasiana:

---

<sup>60</sup> Neste sentido, devemos considerar que, para Lévinas, a ocorrência de uma crise do Humanismo também corresponde aos moldes de uma crise Metafísica - “(...) Lévinas situará todo o seu trabalho na fronteira da ética e da metafísica, lá onde, para retomar seu vocabulário, o homem está em busca do humano.” (POIRIÉ, 2007, p. 12).

A Segunda Guerra Mundial e mais precisamente o genocídio do povo judeu abalaram profundamente a própria noção de Sujeito: os nazistas encarregados de conduzir os trens de deportados aos campos de extermínio não tratavam as crianças, as mulheres e os homens como “mercadorias”? (...) Pela primeira vez na história, sem dúvida, o ser humano não valia *nada*. Não havia um inimigo a combater, um prisioneiro para trocar; havia um *objeto* a ser destruído. Pois não foi por ódio dessa ou daquela qualidade, dessa ou daquela diferença, mas por ódio ao *outro homem* que se pôde concretizar, desprezando toda moral e toda lei, o horror nazista. (POIRIÉ, 2007,p.17).

A ética levinasiana se levantará frente a esta situação crítica. Em seu desenvolvimento o Outro não somente não se encontrará na condição de objeto<sup>61</sup>, como, por outro lado, trará consigo imperativos éticos de Responsabilidade. A ética, conforme compreendida por Lévinas, está para além do mero dever-ser e se situará na própria formação das relações intersubjetivas.

Realizadas estas considerações iniciais, podemos passar ao estudo da Linguagem e da Intersubjetividade no âmbito de *Totalidade e Infinito*, primeiramente, obra que consideramos que expõe a complexidade do pensamento de Lévinas a respeito da Ética e da Alteridade e na qual é possível realizar o recorte para tecermos considerações sobre a Linguagem e a Intersubjetividade.

---

<sup>61</sup> O Sujeito na condição de objeto e, mais precisamente, a relação intersubjetiva enquanto estabelecida nos moldes de uma relação entre sujeito-objeto retoma o que abordamos a respeito da intersubjetividade como conflito e dominação em *O Ser e o Nada* de Blanchot.

### **3.1 - A concepção da Ética em *Totalidade e Infinito***

Estabelecido o caráter de rompimento de Lévinas com seu tempo<sup>62</sup>, principalmente no que se refere à Ontologia, devemos passar ao pensamento de Lévinas propriamente dito. Este primeiro momento pelo qual passaremos é referente à estrita relação entre a Intersubjetividade e a Linguagem e os moldes como esta relação temática se dá no bojo da ética levinasiana. Tal abordagem traz consigo conceitos importantes para a sua estruturação que é estabelecida de modo muito próprio dentro do pensamento do filósofo. Para realizarmos tal estudo utilizaremos, além da obra *Totalidade e Infinito*, os ensaios presentes na coletânea *Entre Nós – Ensaio sobre a alteridade* (1991).

Conforme observaremos ao longo de nossa exposição, embora realizamos a divisão de nossos estudos em dois momentos, sendo o outro concernente à *Outramente que ser*, é impossível que as temáticas aqui apresentadas sejam dissociadas completamente. Para além de uma dissociação, devemos observar como uma proposta de mudança de foco, de um formado mais expositivo, neste momento, para um mais crítico, posteriormente.

É a partir da retomada do diagnóstico levinasiano de crise do humanismo que devemos iniciar a exposição dos elementos de nosso estudo. A filosofia levinasiana partirá, neste contexto<sup>63</sup>, ao

---

<sup>62</sup> A título de indicação cabe apontar que Nélio Vieira, na obra "A Ética da Alteridade em Emmanuel Lévinas" considera que a filosofia de Emmanuel Lévinas represente, ao menos, três principais "rupturas e desconstruções" (Melo, 2003,p.28): a ruptura com a metafísica, a ruptura com a ética heterônoma e a ruptura com a razão teológica, que estabelecem implicações umas nas outras.

<sup>63</sup> A relação da totalidade no contexto metafísico é muito bem costurada por Hutchens, o que nos ajuda a melhor elaborar a crítica levinasiana a tal sistema, dentro do qual podemos localizar o pensamento de Blanchot: "Ele [Lévinas] é insistente em sua afirmação de que a metafísica interessou-se primordialmente pela totalização - a redução de qualquer forma de diferença à uniformidade - com o objetivo de aumentar o poder de racionalização. Sob condições ideais, o conhecimento é perfeitamente adequado à realidade. A tendência totalizante da

lado da crítica à ontologia, à da idéia de Totalidade a qual, conforme afirma, é dominante na filosofia ocidental (TI, p. 10). Assim como a ética deve tomar o lugar da ontologia, deve ser estabelecido o primado da idéia de Infinito em detrimento da de Totalidade.

Este movimento é apresentado do seguinte modo por Lévinas:

É relação com *um excedente sempre exterior à totalidade*, como se totalidade objectiva não preenchesse a verdadeira medida do ser, como se um outro conceito – o conceito de *infinito* – devesse exprimir essa transcendência em relação à totalidade, não-englobável numa totalidade e tão original como a totalidade. (TI, p. 11).

E, mais adiante, o filósofo finaliza seu argumento em defesa do infinito com as seguintes considerações:

Este livro apresenta-se, pois, como uma defesa da subjectividade, mas não a captará ao nível do se protesto puramente egoísta contra a totalidade, nem na sua angústia perante a morte, mas como fundada na idéia do infinito. (TI, p. 13).

É a partir desta concepção de subjetividade, considerada em relação à idéia de infinito que a filosofia de Lévinas será estruturada neste momento. O Infinito, assim como a Ética e a

---

metafísica ocidental surge na forma de uma teoria de poder de duplo aspecto. Por um lado, quando nosso conhecimento é adequado à realidade, tudo é reduzido à uniformidade, o que dá uma missão epistemológica à racionalidade. Por outro, quando descobrimos o princípio metafísico da diferença que nos permite compreender o incompreendido, reduzimos a diferença à uniformidade por outros meios; isso fortalece os princípios do conhecimento, que dão um objetivo à metafísica. A epistemologia e a metafísica são, então, envolvidas nas condições do progresso inelutável da totalização.” (HUTCHENS, 2007, p. 31).

Linguagem, estará intimamente ligado às relações intersubjetivas, ao Mesmo e ao Outrem, o absolutamente Outro, e não podem ser perdidos de vista ao longo do percurso que trilharemos. Sendo assim, devemos inicialmente estabelecer situação de tal idéia dentro do sistema de pensamento atribuído ao filósofo, para melhor compreendermos a sua proposta dos temas aqui objetos de estudo.

A estrutura da intersubjetividade conforme pudemos acompanhar em *O Ser e o Nada* de Blanchot, permitiu que a reconstrução teórica desta se desse a partir da formação do Eu, do Sujeito consciente, para que a partir deste fosse teorizada a estrutura do Outro, bem como as interações que se originariam deste contato. Ainda que em tal ocasião a intersubjetividade se estabelecesse como necessária para a subjetividade, o modo como Blanchot estrutura seu pensamento, permite que se realize a reconstrução destes temas em momentos separados.

Já em Lévinas, conforme veremos, o primado da Ética, o campo do Entre nós e a Alteridade terão uma abordagem prioritária em relação à estrutura do Sujeito consciente isoladamente. Para este filósofo a análise da relação ética, enquanto tal, se sobressai em relação à análise dos termos que compõem esta relação.

Deste modo, Lévinas inicia uma crítica à estrutura do Sujeito, de modo a reafirmar a necessidade de que esta seja ultrapassada em direção à formação de uma ética:

Ser eu é, para além de toda a individualização que se pode ter de um sistema de referências, possuir a identidade como conteúdo. O eu não é um ser que se mantém sempre o mesmo, mas o ser cujo existir consiste em identificar-se em reencontrar a sua identidade através de tudo o que lhe acontece. (TI, p. 24).

É a partir destes moldes, como necessidade de identidade, que o sujeito encontrar-se-ia inserido em um mundo que é exterior à sua consciência. Nestes moldes, para que seja possível a ética levinasiana, a concepção de sujeito deve ir para além da mera identidade, e chegar à alteridade.

Assim sendo, a estrutura da alteridade, a figura de outro sujeito consciente, e que representará a maior parte da exposição da ética, começa a ser esboça por Lévinas. Deste seu início a alteridade tem, para o filósofo, uma configuração radical:

O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita da resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que constitui o próprio conteúdo do Outro; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. (TI, p. 26).

Conforme o proposto por Lévinas a alteridade do Outrem se dá a partir de uma absoluta separação, uma separação, justamente, infinita<sup>64</sup>. Neste sentido, o Outro tem então o estatuto de desconhecido, de estrangeiro – termo bastante utilizado na filosofia francesa contemporânea (a exemplo de Camus, com a obra “O

---

<sup>64</sup> Frente ao surgimento em nossos estudos da concepção levinasiana de Infinito cabe apontarmos uma passagem de *Entre nós* a qual relacionaremos a outra concepção que será abordada quando de nosso estudo de *Outramente que ser: a proximidade*. Neste sentido, adiantando alguns pontos a serem percorridos, Lévinas infere que: “A relação com o Infinito não é conhecimento, mas proximidade, que preserva o desmedido do não englobável que aflora. (LÉVINAS, 2004, p. 90).

Estrangeiro”) e que retomaremos adiante. As consequências desta separação e deste desconhecimento do Outro são inúmeras, mas, primeiramente, cabe apontarmos para a situação que envolve este movimento através do qual o Sujeito transpõe a esfera egoística do seu eu e do seu mundo em direção a Outrem.

Lévinas explicitará este movimento através dos moldes do que denominará como “desejo metafísico” o qual, nestes termos, não deve ser confundido como uma necessidade ou como uma falta do Sujeito que justificasse a sua exteriorização e o movimento transcendente de modo que este buscasse algo para completar-se. Já o Desejo conforme compreendido por Lévinas ganha outra conotação:

O desejo metafísico tem uma outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo. (...) O Desejo é desejo do absolutamente Outro. Para além da fome que se satisfaz, da sede que se mata e dos sentidos que se apaziguam, a metafísica deseja o Outro para além das satisfações, sem que da parte do corpo seja possível qualquer gesto para diminuir a aspiração, sem que seja possível esboçar qualquer carícia conhecida, nem inventar qualquer nova carícia. (TI, p. 22).

Na obra *Humanismo do Outro Homem*, Lévinas retoma a questão do desejo, completando a concepção acima exposta conforme fora apresentada em *Totalidade e Infinito*:

O Desejo do Outro – a socialidade – nasce num ser que não carece de nada ou, mais exatamente, nasce para além de tudo o que lhe pode faltar ou satisfazê-lo. No Desejo, o Eu (Moi)

põe-se em movimento para o Outro, de maneira a comprometer a soberana identificação do Eu (Moi) consigo mesmo, cuja necessidade não é mais que nostalgia e que a consciência da necessidade antecipa. (HOH, p. 49)

Estabelecida esta análise peculiar do Desejo, que em nada se relaciona com a falta ou a necessidade<sup>65</sup>, uma vez que há o respeito pela alteridade, há, então, a instauração de um movimento em direção ao Outro. Neste ponto, antes de retomarmos esta intersubjetividade que se inicia, cabe realizarmos dois apontamentos: um referente à contraposição em relação a Blanchot, e outro a respeito da socialidade acima mencionada.

A título da primeira observação devemos considerar, brevemente, que é inevitável o apontamento de uma clara divergência entre o entendimento de Lévinas em relação ao que consideramos a respeito da Falta e da Necessidade em Blanchot. Em Blanchot a falta e a necessidade de um fundamento que proporcione a estabilidade de Ser o Sujeito é justamente o que proporciona a dinâmica do movimento em direção ao Outro. Já em Lévinas, tal justificativa não se sustenta, uma vez que podemos afirmar que, pelo exposto até o momento, a própria análise da estrutura do Sujeito é diferenciada.

Já no que se refere à segunda observação, devemos ressaltar que, no trecho citado, o filósofo já aponta para um importante ponto de sua ética, qual seja: a socialidade. A respeito disto, retornaremos ao tema na ocasião de nosso estudo sobre

---

<sup>65</sup> A conceituação de Lévinas a respeito da necessidade, se dá nos seguintes moldes: "Sem dúvida, na satisfação da necessidade, o caráter estranho do mundo que me fundamenta perde a sua alteridade: na saciedade, o real em que eu mordia assimila-se, as forças que estavam no outro tornam-se *minhas* forças, tornam-se eu (e qualquer satisfação de necessidade é sob algum aspecto alimento). (TI, p. 113-114), clarificando a compreensão do porquê a relação com o outro não pode ser expressa sob o signo da necessidade.

*Outramente que ser*, uma vez que em tal obra a linguagem será analisada sob a perspectiva da socialidade – priorizando, portanto, a estrutura comunicativa desta.

Retornando aos nossos estudos a respeito do Sujeito levinasiano, observamos que o Desejo proporciona a atração entre os sujeitos, iniciando o contexto das relações intersubjetivas, as quais são marcadas pela alteridade radical do Outro. Tal radicalismo se expressa na estrutura do Sujeito que acompanhamos a exposição até o momento, mas que também será mais bem aprofundado adiante. A concepção de alteridade encontra-se no bojo da ética levinasiana aqui apresentada e estabelecerá os moldes nos quais a linguagem será inserida.

Para aprofundarmos nossos estudos a respeito da intersubjetividade, cabe passarmos agora, após o movimento de encontro iniciado pelo Desejo, à análise do encontro mesmo com o Outro, bem como as implicações éticas que ele estabelecerá.

O primeiro encontro com o Outro, um estranho, se expressa, acima de tudo, pelo encontro com o seu Rosto, com a sua Face<sup>66</sup> - conceito caro à ética levinasiana. A escolha por Lévinas pelo Rosto, em detrimento do Corpo, como um todo, constitui um fator importante para a sua filosofia e estabelece algumas implicações.

É através da Face que, para Lévinas, há a exteriorização mais pura do Sujeito: “a pele do rosto é a que permanece mais nua, mais desabrigada. A mais nua, mas de uma nudez digna.” e, mais adiante, o autor completa: “O rosto é exposição, ameaçador, como se estivesse nos convidando a um ato de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar.”<sup>67</sup>.

---

<sup>66</sup> A preferência da denominação utilizada por Lévinas é firmada pelo termo “face”, uma vez que este remete à terminologia utilizada pela Bíblia e, deste modo, carrega consigo uma conotação sagrada.

<sup>67</sup> Livre tradução do original e completo em francês: “La peau du visage est celle qui reste la plus nue, la plus dénuée. La plus nue, bien que d'une nudité décente. La plus dénuée aussi: il y a dans le visage une pauvreté essentielle; la preuve en est qu'on essaie de masquer la pauvreté en se donnant des poses, une contenance.

Este acesso ao Outro através de seu rosto se dá para além de um simples olhar direcionado a uma forma plástica. Para o filósofo, o rosto já traz uma significação e, neste ponto, já podemos estabelecer uma relação com a concepção levinasiana de linguagem. Através da face, cujos reflexos filosóficos acompanharemos adiante, é estabelecida uma intersubjetividade específica, uma vez que em si mesma já se estabelece como ética. Enquanto instauradora de uma ética, a face que traz consigo o imperativo para que esta seja possível já é significativa. A partir disto, é estabelecida uma instância da linguagem pré-linguística, de modo que esta a linguagem se estabeleça já como elemento estruturante da intersubjetividade.

A partir deste primeiro contato com o Rosto, Lévinas entende que é estabelecida uma primeira relação com a Alteridade. Para além de uma relação entre o Sujeito que olha e a Face que é vista, o filósofo entende esta relação inicial como uma epifania<sup>68</sup> do rosto, a qual rompe com a indiferença em relação ao Outro, reconhecendo a sua Alteridade.

A nudez do rosto do Outro ao mesmo tempo em que traz a alteridade absoluta, despe o Sujeito de qualquer poder sobre este Outro – neste sentido, o “o que nos proíbe de matar” do Rosto acima citado, deve ser compreendido como a impossibilidade de se suprimir a Alteridade. A partir disto, uma vez que o Rosto de outrem não pode se dar como afronta à subjetividade, é estabelecida uma relação sob a égide da Ética:

O rosto onde se apresenta o Outro –  
absolutamente outro- não nega o Mesmo, não o

---

Le visage est exposé, menacé, comme nous invitant à un acte de violence. En même temps, le visage est ce qui nous interdit de tuer.”(EI, p.80).

<sup>68</sup> A denominação escolhida por Lévinas como epifania ressalta o caráter sagrado de das relações intersubjetivas “A dimensão do divino abre-se a partir do rosto humano. Uma relação com o Transcendente – livre, no entanto, de toda a dominação do Transcendente – é uma relação social. É aí que o Transcendente, infinitamente Outro, nos solicita e apela para nós.” (TI, p. 64).

violenta como a opinião ou a autoridade ou o sobrenatural taumatúrgico. Fica à medida de quem o acolhe, mantém-se terrestre. Essa apresentação é a não-violência por excelência, porque em vez de ferir a minha liberdade, chama-a à responsabilidade e implanta-a. Não violência, ela mantém no entanto a pluralidade do Mesmo e do Outro. (TI, p. 181).

A partir deste entendimento já se tornam mais nítidos os contornos que o primado da Ética levinasiana vai esboçando. Embora inicialmente estabelecida nestes moldes a relação ética entre os sujeitos não se estabelece de modo que, a partir da epifania do rosto, ambas as partes – o Eu e o Outro – estejam em uma posição igualitária e uma intersubjetividade ética esteja, por fim, formalizada.

A Ética em Lévinas, para que tenha sua compreensão devidamente estudada, pressupõe o aprofundamento de outros dois elementos que contribuem para a composição de sua estrutura: a separação e, justamente, a desigualdade entre os Sujeitos. Ambos os pontos estarão intrinsecamente relacionados à linguagem, de modo que, cabe aprofundá-los para que possamos prosseguir com os temas centrais de nossa proposta de recorte do pensamento levinasiano.

A respeito da separação, a situação de sua concepção dentro do pensamento do filósofo já começou a ser estudada, restando somente mencioná-la para que possamos compreender a relação de tais pontos com a linguagem. Deste modo, ainda que indiretamente, quando discorreremos sobre a relação Mesmo e Outro, assim como sobre o Desejo e o próprio Infinito<sup>69</sup> - que permeia a obra e ao qual retornaremos adiante – nestas exposições, a separação entre os

---

<sup>69</sup> Nas palavras de Lévinas: "A idéia do Infinito supõe a separação do Mesmo em relação ao Outro." (TI, p. 41).

sujeitos componentes da intersubjetividade se estabelece como condição de possibilidade da ética.

A separação enquanto constitutiva da intersubjetividade será retomada mais adiante, no momento em que expusermos a Linguagem. Antes disto cabe realizarmos, ainda, um parêntese neste ponto que relacionará os diversos conceitos expostos até o momento – inclusive a própria separação. Assim, intentamos ressaltar a coesão do pensamento levinasiano para que então possamos prosseguir em nossos estudos.

Iniciamos o nosso capítulo esboçando uma consideração a respeito da oposição entre Totalidade e Infinito, distinção muito cara a Lévinas e que caracteriza um problema relevante dentro de seu pensamento. Em um segundo momento, quando passamos à abordagem da estrutura dos Sujeitos, do Eu e do Outro, retomamos a idéia do Infinito, uma vez que o Outro é absolutamente separado. Deste modo, agora sob o prisma da separação que destacamos neste ponto (e que também será para a Linguagem), cabe apontarmos a seguinte síntese de Lévinas:

As nossas análises são dirigidas por uma estrutura formal: a idéia de Infinito em nós. Para ter a idéia do Infinito, é preciso existir como separado. Esta separação não pode produzir-se como fazendo apenas eco à transcendência do Infinito. Senão, a separação manter-se-ia numa correlação que restauraria a totalidade e tornaria ilusória a transcendência. Ora, a idéia do Infinito é a própria transcendência, o transbordamento de uma idéia adequada. Se a totalidade não pode constituir-se é porque o Infinito não se deixa integrar. Não é a insuficiência do Eu que impede a totalização, mas o Infinito de Outrem. (TI, p. 66).

A partir desta síntese, Lévinas reforça uma das dicotomias que permeiam seu pensamento neste momento: a Totalidade, por um lado, e o Infinito, por outro. O outrem, enquanto Infinito, não pode ser abrangido ou mesmo suprimido pelo Sujeito, a tentativa de uma Totalização do Eu, nestes moldes, é impossível. Frente a isto resta, somente, uma postura possível frente ao Outro: a ética - a qual só pode ser mantida a partir de uma separação entre os termos da relação.

Feitas estas considerações sobre a separação, cabe apontar, introdutoriamente (vez que melhor a abordaremos no contexto da linguagem), a outra característica que estará presente nas relações intersubjetivas: a desigualdade entre os Sujeitos. Afirmamos, acima, que a ética não se estabelece nos moldes de uma igualdade entre seus elementos, mas, ao contrário, o Outro adquire uma posição assimétrica em relação ao Sujeito.

Mas ocorre que esta assimetria não se dá nos moldes de uma relação Sujeito-Objeto, e que é amplamente combatida por Lévinas. Na assimetria estabelecida aqui é afirmada a superioridade do Outro, uma vez que este traz consigo o imperativo ético.

Neste sentido, para complementarmos nossa análise a respeito desta desigualdade entre os sujeitos, cabe passarmos a outros temas relevantes para a filosofia de Lévinas: o acolhimento e, principalmente, a Responsabilidade - uma vez que esta estabelecerá diretrizes importantes para que possamos compreender o recorte que intentamos realizar em *Outramente que ser*.

Frente a isto, conforme afirmamos anteriormente, a separação é constitutiva da ética levinasiana. Soma-se a este argumento o fato de que, para Lévinas, conforme também afirmamos, as relações intersubjetivas são marcadas pela alteridade absoluta entre o Eu e o Outro. Frente a isto, é conferido um estatuto peculiar ao outro: o de Estrangeiro. Tal estatuto reforça o infinito

estranhamento entre os Sujeitos, mas também é responsável por conferir determinadas qualificações à estrutura das relações intersubjetivas justamente por conta disto. Neste sentido, Lévinas afirma que:

Mas o Estrangeiro quer dizer também o livre. Sobre ele não posso *poder*, porquanto escapa ao meu domínio num aspecto essencial, mesmo que eu disponha dele: é que ele não está inteiramente no meu lugar. Mas eu, que não tenho conceito comum com o Estrangeiro, sou, tal como ele, sem gênero. Somos o Mesmo e o Outro. A conjunção *e* não indica aqui nem adição, nem poder de um termo sobre o outro. (TI, p. 26 – 27).

A condição de absolutamente Outro, enquanto Estrangeiro, estabelece uma esfera de poder fora do domínio do Sujeito – marcando a ênfase levinasiana na Alteridade. Mas justamente a partir deste estranhamento do Outrem, infinitamente irreduzível ao Mesmo, que a Ética é estabelecida.

Sendo assim, a relação com a figura do Estrangeiro é de recepção, e não de exasperação. Acrescentando com o que dissemos anteriormente a respeito do primado da Ética e da epifania do Rosto, a partir deste, o Outro deve ser devidamente acolhido e, para além disto, o Sujeito deve ser responsável pelo Outro. A maior atenção, neste encadeamento exposto por Lévinas, é dedicada, na formação do contexto pretendida em nossa exposição, justamente à idéia de Responsabilidade, nos seguintes termos.

Pelo que acompanhamos dos argumentos do filósofo, podemos afirmar que as relações intersubjetivas não se estabelecem na forma conflituosa entre os sujeitos, assim como não fazem parte de um sistema de dominação e supressão. Contrariamente a isto, a

exposição da nudez do rosto traz consigo imperativos éticos que se estabelecem concretamente, por assim dizer, nos moldes de uma conduta pautada pela responsabilidade.

A adoção de tal postura, sobre a qual o Sujeito não pode se furtar, se faz nos moldes de um suporte ao outro Sujeito e impele à ética em decorrência da própria formação da intersubjetividade: “Entre o um que eu sou e o outro pelo qual eu repondo abre-se uma diferença sem fundo, que é também a não-diferença da responsabilidade, significância da significação, irreduzível a qualquer sistema.” (HOH, p. 14).

Deste modo, deste o início da relação com o outro, a partir da Face, da quebra da indiferença e da instauração da assimetria abre-se a possibilidade da Responsabilidade. Adiante, quando de nossa análise de *Outramente que ser*, retomaremos ao tema, reforçando a sua relação essencial com a intersubjetividade para o filósofo.

Ainda a respeito deste tema, para ilustrar a Responsabilidade, Lévinas traz constantemente em suas obras um pensamento atribuído a Dostoievski para ilustrar seu entendimento (EI, p. 95): cada um de nós é culpado por tudo perante todos, eu mais do que todos. Tal pensamento comporta simultaneamente duas concepções que procuramos apresentar até então: a da Responsabilidade que é requerida na intersubjetividade, ao mesmo tempo em que é reforçada a assimetria entre o Eu e o Outro nas relações intersubjetivas – a partir da qual a primeira decorre.

A partir da inferência da Responsabilidade enquanto constitutiva da Ética, podemos passar a um ponto relevante para a aproximação que desejamos: a situação da liberdade neste contexto do pensamento levinasiano.

A Liberdade, conforme compreendida por Lévinas, é questionada sobre os seus limites neste cenário no qual a Responsabilidade é aclamada. Nos detemos neste ponto com o intuito

de estabelecer em que medida a intersubjetividade ética pautada pela responsabilidade se constitui em relação à intersubjetividade enquanto “ontológica” e marcada pela liberdade.

Se analisarmos em relação ao pensamento de Lévinas, o modo como este compreende a Liberdade passa alheio ao problema da limitação desta, assim como alheio à caracterização das relações intersubjetivas enquanto conflito. Para o filósofo aqui em estudo, uma vez que as relações intersubjetivas não estão sob a égide da totalidade, mas sim sob a do infinito, em decorrência das estruturas concernentes a cada uma delas, uma outra concepção de Liberdade é apresentada.

Assim, para Lévinas, as liberdades são mantidas e, além disto, se relacionam à responsabilidade, no seguinte sentido:

(...) o Outro, absolutamente Outro – Outrem – não limita a liberdade do Mesmo. Chamando-o à responsabilidade, implanta-a e justifica-a. A relação com o outro enquanto rosto cura da alergia, é desejo, ensinamento recebido e oposição pacífica do discurso. (TI, p.176).

Mais adiante em *Totalidade e Infinito* Lévinas ainda afirma as seguintes considerações a respeito da Responsabilidade e da Liberdade que reforçam a sua posição: “A liberdade inibe-se então, não porque chocada por uma resistência, mas como arbitrária, culpara e tímida que é; mas na sua culpabilidade eleva-se à responsabilidade.” (TI, p. 182).

Feitas estas considerações a respeito da Alteridade e da Ética de Lévinas, já formamos uma base conceitual referente à Intersubjetividade e a partir da qual podemos passar à Linguagem. O contexto de tal tema na filosofia de Lévinas encontrará estreita

relação com a formulação de sua Ética, conforme passamos agora a discorrer.

Cabe observar, primeiramente, que o estudo da Linguagem e da Intersubjetividade ética não se diferenciam em suas estruturas, mas estão intrinsecamente ligadas. A separação que propusemos neste trabalho e que acompanhamos até agora se deu, então, como um mero instrumento metodológico. Se tomarmos como parâmetro para análise a apresentação de tais temas em *Totalidade e Infinito*, por exemplo, ambos os assuntos de nossa dissertação são tratados simultaneamente e se encontram pulverizados ao longo de toda a obra.

Retomando o percurso pelo qual passamos para estudarmos a estrutura da Alteridade e da Ética em Lévinas alguns pontos precisaram ser ressaltados para que chegássemos à formação do presente contexto. Foi em razão disto que dissertamos a respeito da separação entre o Mesmo e o Outro, a importância da face, a assimetria na intersubjetividade, entre outros pontos que retornarão no estante de nosso texto.

O trecho que destacamos a seguir de Lévinas aponta de um modo bem preciso para esta retomada dos conceitos expostos na Ética, sob o prisma da Linguagem. Tal apresentação reforça a afirmação que realizamos de que ambos os temas não podem ser propriamente separados:

O desenvolvimento positivo da relação pacífica sem fronteira ou sem qualquer negatividade com o outro produz-se na linguagem. A linguagem não pertence às relações que possam transparecer nas estruturas da lógica formal: é contato através de uma distância, relação com o que não se toca, através do vazio. Coloca-se na dimensão do desejo absoluto pelo qual o Mesmo se

encontra em relação com um outro, que não é aquilo que o Mesmo tinha simplesmente perdido. (TI, p. 154).

Pormenorizando as partes destacadas podemos perceber como o campo da Linguagem é próprio para a produção da Ética. Neste campo da intersubjetividade a alteridade é estabelecida em um estatuto positivo, em uma relação não alérgica, conforme Lévinas se refere, e, assim como ressaltamos anteriormente, a aproximação se dá na forma de um Desejo metafísico, que não se iguala à necessidade, nem à dominação ou ao conflito.

A linguagem é ética por sua natureza e pela situação na qual está inserida:

A realização com outrem não se dá fora do mundo, mas põe em questão o mundo possuído. A relação com outrem, a transcendência, consiste em dizer o mundo a Outrem. Mas a linguagem completa o pôr em comum original – que se refere à posse e supõe a economia. (...) A generalidade da palavra instaura um mundo comum. O acontecimento ético situado na base da generalização é a intenção profunda da linguagem. (TI, p. 155).

e, mais adiante, Lévinas ainda infere que: “A <<visão>> do rosto não se separa da oferta que é a linguagem. Ver o rosto é falar do mundo. A transcendência não é uma óptica, mas o primeiro gesto ético.” (TI, p. 156).

Deste modo, podemos afirmar que algo que aqui começa a esboçar e que será reiterado ao longo de nossa exposição: conforme compreendida por Lévinas a linguagem já é, em si mesma,

uma relação ética. Neste sentido, Edith Wyschogrod, em seus estudos sobre a relação entre Linguagem e alteridade, afirma que: "Linguagem não é definida pela transposição de palavras em referentes ou pelo formalismo da relação de significação para um outro, mas como uma relação ética, como responsabilidade para outra pessoa, "uma semântica da proximidade."<sup>70</sup>.

Inserida na lógica da Alteridade proposta por Lévinas, a Linguagem reafirma a proposta ética por conta da composição de sua própria estrutura. Nas palavras do filósofo, a Linguagem se faz nos moldes de "uma relação entre termos separados" (TI, p.174), do mesmo modo que o é a relação ética.

A separação pertencente à Intersubjetividade e agora, neste contexto, à Linguagem aponta para algumas peculiaridades do entendimento desta para Lévinas. Quanto a este ponto, cabe primeiro compreendermos em que medida se dá esta separação que reafirma a idéia do infinito e rechaça a de totalidade, intentada ao longo de toda a obra *Totalidade e Infinito*. Retomando os conceitos anteriormente expostos em nosso trabalho, as palavras de Lévinas são as seguintes:

A verdade procura-se no outro, mas daquele que não tem falta de nada. A distância é intransponível e, ao mesmo tempo, transposta. O ser separado está satisfeito, é autônomo e, no entanto, procura o outro numa procura que não é espiciada pela falta de necessidade, nem pela recordação de m bem perdido; tal situação é a linguagem. A verdade surge justamente onde um ser separado do outro não se afunda nele, mas lhe

---

<sup>70</sup> Livre tradução de: "Language is not defined as the transposition of words into referents or by the formalism of the relation of signifiers to one another but as an ethical relation, a responsibility to the other person, 'a semantics of proximity'." (WYSCHOGROD, 2004, p. 190).

fala. A linguagem que não toca o outro, ainda que tangencialmente, atinge o outro interpelando-o, ou dando-lhe ordens, ou obedecendo-lhe com toda a rectidão dessas relações. (TI, p. 49 – 50).

A partir deste entendimento, devemos realizar dos apontamentos: o primeiro, referente à interpelação e, o segundo, aprofunda a separação e as suas consequências na dinâmica da Linguagem.

A interpelação, o chamamento do Outro para a relação Ética, ocorre já com o oferecimento da Face e é reforçada pela ligação estabelecida a partir da linguagem, mantendo a separação dos termos: “O rosto abre o discurso original, cuja primeira palavra é obrigação que nenhuma <<interioridade>> permite evitar.” (TI, p. 179)<sup>71</sup>. Assim, é estabelecida uma dimensão da linguagem enquanto comunicação entre os sujeitos que se afirma como pré-linguística.

Já a respeito da separação cabe apontarmos os moldes que esta relação adquire nos contextos de uma relação assimétrica, conforme estudamos. Segundo Lévinas “só o absolutamente estranho nos pode instruir” (TI, p.60), afirmando, deste modo, que o desconhecido que é o Outro (e que traz a concepção de Infinito) pode acrescentar algo à esfera do Eu.

É neste contexto que para Lévinas a Linguagem se faz como ensino que retoma, para além da pressuposta separação, a presença da assimetria entre o Eu e o Outro na intersubjetividade, marcando tal relação através da dualidade presente entre mestre e aluno.

---

<sup>71</sup> É a partir desta relação intrínseca entre o rosto e a linguagem, sob a égide da Ética que Lévinas afirmará em *Totalidade e Infinito* que “Se o rosto traz a primeira significação, implanta a própria significação no ser – a linguagem não apenas serve à razão mas é a razão.” (TI, p. 186).

Deste modo, Lévinas parte da idéia de infinito, sobre a qual já dissertamos anteriormente e encontra-se no bojo da filosofia levinasiana, para trazer suas implicações para o âmbito da linguagem. A infinita separação entre os sujeitos implica na ausência de conflitos entre as liberdades, marcando uma relação não pela dominação, mas, para além da responsabilidade, pelo ensino proporcionado pelo Outro. Tal afirmação é corroborada pela afirmação de que “A sua alteridade manifesta-se num domínio que não conquista, mas ensina.” (TI, p. 153).

É ainda neste sentido que podemos compreender a seguinte passagem de *Totalidade e Infinito*:

A contradição entre a interioridade livre e a exterioridade que deveria limitá-la concilia-se no homem aberto ao ensino. O ensino é o discurso em que o mestre pode trazer ao aluno o que o aluno ainda não sabe. Não opera como a maiêutica, mas continua a colocação em mim da idéia do infinito. A idéia do infinito implica uma alma capaz de conter mais do que ela pode tirar de si. (TI, p. 162).

Devemos, ainda, nos deter em mais um ponto neste trecho.

Lévinas traz, juntamente com a relação de ensino, a idéia acima apontada de que o mestre traz ao aluno algo que este ainda não sabia. A relação entre mestre e aluno introduz algo novo ou, em outros termos, o absolutamente Outro acrescenta algo novo ao Sujeito e é nestes moldes que a idéia do infinito é novamente contextualizada no pensamento levinasiano: “Ensina e introduz algo de novo num pensamento; a introdução do novo num pensamento, a

idéia do infinito – eis a própria obra da razão. O absolutamente novo é Outrem.” (TI, p. 196).

Afirmada a primazia do Infinito sobre a Totalidade, bem como uma primeira proposta de abordagem da Intersubjetividade, da Linguagem, bem como das relações entre ambas, podemos agora aprofundar nossos estudos a respeito do tema. Deste modo, retomaremos algumas tensões que já se faziam presentes em *Totalidade e Infinito*, agora como Ontologia e Ética, que terão reflexos tanto para a Linguagem como para a Intersubjetividade e a partir dos quais poderemos melhor relacionar Lévinas e Blanchot.

Após uma primeira análise da Intersubjetividade e da Linguagem no âmbito de *Totalidade e Infinito* (1961), passemos agora para outro momento do pensamento de Lévinas. Tal período que desejamos agora estudar refere-se, especialmente, à obra *Outramente que ser ou para-além da essência* (1974). Em tal obra, com o auxílio do ensaio *Linguagem e proximidade* (1965), aprofundaremos alguns pontos dos temas objeto de nossa dissertação.

Uma das intenções do autor em tais obras em muito contribui para a exposição que aqui pretendemos. Lévinas trará novamente para debate uma tensão que já se fazia presente em *Totalidade e Infinito*, qual seja, a estabelecida entre Ontologia e Ética. O primado da segunda sobre a primeira, conforme já discorremos anteriormente, traz reflexos para a análise mais detida que o filósofo realiza sobre ambos os temas aqui estudados.

Neste sentido, a Linguagem sob a perspectiva da Ética será analisada com uma profundidade que não se fazia presente quando da ocasião da obra de 1961. Em tal contexto Lévinas estruturará seus estudos referentes à linguagem a partir das concepções de Dizer e Dito, estabelecendo uma oposição que,

conforme abordaremos oportunamente, se faz nos moldes de uma linguagem enquanto relacionada à Ontologia ou à Ética.

Frente a isto, para além da exposição realizada por Lévinas a respeito do tema, nos interessa mais a crítica contida em tal exposição. A partir da análise desta crítica, a partir da qual também é construído em contraposição o seu próprio pensamento, o estudo dos elementos de sua proposta se dará de modo consequente.

Antes de entrarmos propriamente nos moldes da crítica e nas dicotomias problematizadas, cabe reconstruirmos alguns contextos de suas produções conceituais. Para tanto, iniciaremos a partir do ensaio *Linguagem e proximidade*, ocasião na qual o filósofo tem a oportunidade de apresentar conceitos importantes para o recorte que aqui pretendemos e que serão mais profundamente estudados em *Outramente que ser*.

### **3.2 - Linguagem e proximidade**

A apresentação realizada por Lévinas no ensaio *Linguagem e proximidade*, em uma estrutura através de tópicos, possibilita que diversos temas presentes ao longo de sua obra sejam abordados. Uma vez que o ponto fundamental que desejamos analisar no que se refere à linguagem encontra-se majoritariamente exposto em *Outramente que ser*, realizaremos apenas alguns apontamentos introdutórios a partir do ensaio.

O primeiro ponto que desejamos apontar no ensaio refere-se à linguagem enquanto um sistema significativo. Neste sentido, Lévinas inicia o seu texto a partir de a partir do que considera como um aspecto mais formal a respeito desta, no seguinte sentido:

Acontecimentos escalonados segundo o tempo e chegando À consciência numa série de actos e de estados ordenados igualmente segundo o tempo, adquirem, através dessa multiplicidade, uma unidade de sentido na Narrativa. Signos que significam por meio do seu lugar num sistema e por meio do seu afastamento relativamente a outros signos – as palavras das línguas historicamente constituídas apresentam, certamente, este aspecto formal. (LP, p. 265).

Esta concepção formal da linguagem, que inicialmente começa a ser esboçada, contrasta, em certa medida, com o que direccionamento conferido por Lévinas aos seus estudos sobre a linguagem a qual, em razão de sua própria constituição, remete sempre à alteridade. Mas em meio à sua exposição da linguagem enquanto estrutura, ainda sem relação aparente com os sujeitos, um ponto mais se sobressai para o presente recorte e se relaciona com a obra *Outramente que ser*: a tematização.

Seguindo a exposição referente aos signos, estes, para o filósofo, integram uma estrutura e “são susceptíveis, através dos processos mais diversos da fabulação, de identificar um tema. (...) O ser manifesta-se a partir de um tema.” (LP, p. 265).

Além da tematização, já no referido ensaio, ainda que a título de introdução ao tema, Lévinas já aponta para linguagem como relação com a alteridade. Em uma nota de rodapé, Lévinas expõe sua concepção de ética:

Chamamos ética a uma relação entre termos onde um e outro não são unidos por uma síntese do entendimento nem pela relação de sujeito e objecto e onde, no entanto, um pesa ou

importa ou é significativa para o outro, onde eles estão ligados por uma intriga que o saber não poderia esgotar ou deslindar. (LP, p. 275).

A partir disto, com determinada clareza, podemos apontar não somente o entendimento do que é a ética para Lévinas, mas já podemos também esboçar contra o que a formulação de sua ética se insurge: a ontologia. Uma clara oposição na passagem acima marca a relação entre Ética e Ontologia: o respeito ou não à alteridade e a toda a complexa estrutura que o filósofo organiza em torno dela.

Conforme exposto em *Totalidade e Infinito*, assim como apresentaremos em *Outramente que ser*, a ética formará a base das relações intersubjetivas e da própria concepção levinasiana de linguagem. Para que possamos aprofundar devidamente este tema, após esta introdução sumária, passemos agora para o outro ponto expositivo deste capítulo, que se faz referente à *Outramente que ser ou para-além da essência*.

### **3.3 - Outramente que ser**

Embora o tema a ser desenvolvido já estivesse presente na obra de 1961, a de 1974 traz contribuições novas ao debate que aqui tentamos reconstruir, de modo que, principalmente no que concerne ao estudo da linguagem, uma abordagem mais aprofundada é realizada.

As intenções de Lévinas em tal obra são expressas através da seguinte passagem: "O sujeito é compreendido inteiramente a partir da ontologia? Este é um dos problemas

principais do presente estudo ou, mais precisamente, é o que ele questiona.”<sup>72</sup>.

Deste modo, o estudo da ontologia estará no cerne deste momento de seu pensamento e suas considerações críticas serão expostas à medida que o filósofo expuser sua própria ética.

O contexto no qual Lévinas aprofundará o estudo da linguagem será composto por elementos que já se faziam anteriormente presentes em sua obra, a exemplo das concepções de Face e de Responsabilidade, que já se faziam anteriormente presentes e que foram consideradas em nossa exposição a respeito de *Totalidade e infinito*.

A estrutura que apresentamos anteriormente aqui é retomada: há a possibilidade de se adentrar a filosofia levinasiana através do sujeito, mas este sujeito já deve ser considerado enquanto ético. No que se refere à linguagem, o que deve ser considerado no sujeito em primeiro lugar é a sua face, uma vez que o rosto é, em si mesmo, significante. Mas o rosto enquanto signo remete para uma significação muito específica: a responsabilidade - “A face do próximo me significa uma responsabilidade irrecusável, anterior a todo consentimento livre, todo pacto, todo contrato.”<sup>73</sup>.

A partir da face, em si mesma significante – e que em *Totalidade e infinito* trazia consigo o imperativo ético e a epifania do infinito – somos aqui remetidos, inicialmente, a duas ideias fundamentais para o aprofundamento da concepção da ética a partir de *Outramente que ser*: a proximidade e a responsabilidade.

A primeira, para além de se localizar como elemento constitutivo da ética levinasiana enquanto elemento essencial de sua

---

<sup>72</sup> Livre tradução de: “Le sujet se comprend-il jusqu’au bout à partir de l’ontologie? C’est là l’un des problèmes principaux de la présent recherche ou, plus exactement, ce qu’elle met en question.” (AE, p. 54).

<sup>73</sup> Livre tradução de: “Le visage du prochain me signifie une responsabilité irrécusable, précédant tout consentement libre, tout pacte, tout contrat.” (AE, p. 141).

tese exposta<sup>74</sup>, já se relaciona com a estrutura da linguagem pretendida por Lévinas, uma vez que Alteridade e Linguagem encontram-se intrinsecamente relacionadas na exposição realizada através da referida obra. A proximidade estabelece, na obra do filósofo, o próprio modo de lidar com a alteridade, com o Outro<sup>75</sup>.

A respeito do sentido que tal termo adquire em relação à alteridade e à intersubjetividade, Paul Ricoeur, na obra *Outramente*, realiza uma leitura da obra aqui objeto de análise e, especialmente no que concerne à proximidade: “Eis outro um primeiro modo de pretender que não há verdadeira diferença, que não há verdadeira alteridade, anterior à alteridade de outrem na aproximação e na proximidade.” (RICOEUR, 1999, p. 22).

Para os fins de nossa dissertação, não somente torna-se necessário remeter para a concepção de levinasiana de proximidade, mas também, para além disto, compreendermos contra qual possível concepção de proximidade Lévinas escreve. Com vistas a isto Lévinas realiza, em uma passagem de *Outramente que ser*, uma diferenciação entre duas concepções possíveis, inicialmente uma relacionada à ontologia e outra, a sua própria, a partir de um viés ético. Em tal passagem, embora longa, Lévinas expõe o seguinte:

A proximidade do um ao outro é pensada aqui além das categorias ontológicas ou, de modo diverso, envolve também a noção de *outro* – que estabelece como obstáculo à liberdade, à inteligibilidade ou à perfeição, que se

---

<sup>74</sup> Afirmando a posição fundamental que Lévinas confere à proximidade em *Outramente que ser*, o autor afirma que: “A proximidade – é essencial à tese aqui exposta (...)” (“La proximité – c’est l’essentiel de la thèse ici exposée (...)” – AE, p. 149).

<sup>75</sup> Em relação a isto, retomamos um ponto exposto anteriormente que reforça a coesão da obra do filósofo. Conforme apontamos quando de nossa análise do Infinito em *Totalidade e Infinito*, a relação intersubjetiva que se estabelece entre os sujeitos, a partir da idéia de infinito, se afirma com aproximação e não como conhecimento.

estabelece como termo que confirma, no reconhecimento, um ser finito, mortal e incerto de si (...). O presente estudo intenta não pensar a proximidade em função do ser (...). Proximidade como dizer, contato, sinceridade na exposição; dizer estabelecido antes da linguagem, mas sem o qual nenhuma linguagem, enquanto transmissão de mensagens, será possível.<sup>76</sup>.

Frente a este trecho, devemos realizar dois apontamentos. O primeiro refere-se à crítica presente à noção ontológica de proximidade. Embora muitas das críticas de Lévinas expressas em suas obras sejam expressamente direcionadas a Heidegger e à sua Ontologia.

Neste sentido, podemos considerar que, no que se refere à proximidade como "limite ou complemento à realização da aventura da essência" (AE, p. 32)<sup>77</sup>, a crítica também pode ser direcionada, ao menos em um primeiro momento, à intersubjetividade apresentada nos moldes de relações marcadas pelo conflito e pela dominação.

O segundo apontamento é, a partir desta concepção de proximidade que é estabelecida por Lévinas entre os sujeitos, a relação desta com a concepção de responsabilidade. A responsabilidade, em termos levinasianos, já se encontrava presente na obra *Totalidade e infinito* e, em tal oportunidade, já se relacionava com a alteridade.

---

<sup>76</sup> Livre tradução de: "La proximité de l'un à l'autre est pensée ici en dehors des catégories ontologiques ou, à divers titres, intervient également la notion d'*autre* – que ce soit comme obstacle à la liberté, à l'intelligibilité ou à la perfection, que ce soit comme terme qui confirme, en le reconnaissant, un être fini, mortel et incertain de soi (...). La présente étude essaie de ne pas penser la proximité en fonction de l'être (...). Proximité comme dire, contact, sincérité de l'exposition; dire d'avant le langage, mais sans lequel aucune langage, comme transmission de messages, ne serait possible." (AE, p. 32).

<sup>77</sup> Livre tradução de: "limite ou complément à l'accomplissement de l'aventure de l'essence" (AE, p. 32).

Neste momento do pensamento aqui analisado, Lévinas se detém mais sobre a responsabilidade enquanto relacionada à linguagem e à sua ética do que se preocupa em expor o que compreende sobre o termo. Embora tal tarefa expositiva já fora anteriormente atribuída a *Totalidade e Infinito*, conforme também abordamos no capítulo precedente referente à obra, cabe de clarificar as intenções do autor neste momento, uma vez que, conforme afirma Ozanan Carrara, “Trata-se de construir uma linguagem que seja capaz de exprimir este um-para-o-outro da responsabilidade.” (CARRARA, 2012, p. 90).

Assim, a própria análise da responsabilidade para Lévinas já remete em si mesma para além da linguagem, para uma dicotomia que é estabelecida no aprofundamento de seus estudos a respeito do tema e que adiante pretendemos adentrar. Assim, já esboça o surgimento de duas concepções possíveis à linguagem, na visão do filósofo: “A responsabilidade pelo outro é, precisamente, um Dizer antes de qualquer Dito.” (AE, p. 75 – grifo nosso)<sup>78</sup>.

E, além disto, a concepção de linguagem que começamos a esboçar, enquanto estritamente relacionada à responsabilidade, confere uma concepção de subjetividade diferenciada para o filósofo. Em uma entrevista posterior, referindo-se às exposições realizadas em *Outramente que ser*, Lévinas considera que “Neste livro, eu falo da responsabilidade como a estrutura primeira essencial fundamental da subjetividade. Pois é em termos éticos que eu descrevo a subjetividade<sup>79</sup>.”

A partir disto já podemos começar a compreender o posicionamento de Lévinas a respeito da linguagem, enquanto relacionada à ontologia ou à ética, a partir dos argumentos que o

---

<sup>78</sup> Livre tradução de: “La responsabilité pour autrui, c’est précisément un Dire d’avant tout Dit.” (AE, p. 75).

<sup>79</sup> Livre tradução de: “Dans ce livre, je parle de la responsabilité comme de la structure essentielle première, fondamentale de la subjectivité. Car c’est en termes éthiques que jê décris la subjectivité.” (AE, p. 93).

filósofo expõe<sup>80</sup>. Sobre esta primeira diferenciação proposta como cisão na linguagem entre o Dizer (*Dire*) e o Dito (*Dit*), Augusto Ponzio reflete a respeito do contexto estabelecido a partir da afirmação da relação entre a responsabilidade e o Dizer:

“omo proximidade, como responsabilidade, como contato, a linguagem expressa uma significação que não é tematizada em seus signos, que não é nem o objeto, nem o objetivo, nem o sentido de uma mensagem. Isto que constitui, de outro modo a significação – como se revelam as situações nas quais a dimensão corporal da linguagem se impõe – é a capacidade de transcender tudo isto (...)”<sup>81</sup>.

A partir desta exposição do comentador, podemos retomar a passagem do ensaio *Linguagem e proximidade* no que se refere à tematização e aos demais elementos que compõem a linguagem e a subjetividade enquanto relação com o outro, enquanto linguagem, se afirma como irreduzível à tematização (AE, p. 157).

Afirmamos, anteriormente, que para além da proposta apresentada por Lévinas, nos interessava mais a reconstrução do pensamento levinasiano à medida que se tornava possível relacioná-lo a Blanchot, do que propriamente aprofundar e esgotar o estudo da Intersubjetividade e da Linguagem.

---

<sup>80</sup> Embora iremos acompanhar o percurso realizado por Lévinas, apontamos o adiantamento que Paul Ricoeur realiza a respeito desta diferenciação de posicionamento e que estará em nosso horizonte de análise: “(...) relação a ser estabelecida entre a ética da responsabilidade e a ontologia ao destino da linguagem de uma e de outro: o *Dizer* do lado da ética, o *dito* do lado da ontologia.” (RICOEUR, 1999, p. 15).

<sup>81</sup> Livre tradução de: “Comme proximité, comme responsabilité, comme contact, le langage exprime une signification qui n’est pas thématisée dans ses signes, qui n’est ni l’objet ni l’objectif ni le sens d’un message. Ce qui en constitue, au contraire, la signification – comme le révèlent les situations ou la dimension corporelle du langage s’impose – c’est la capacité de transcender tout cela (...)” (PONZIO, 1996, p. 27).

Neste sentido, as críticas de Lévinas em relação à “filosofia ocidental”, que se estendia desde *Totalidade e Infinito*, começam a ser intensificadas estabelecendo uma cisão entre o modo como a linguagem vinha sendo compreendida dentro de um contexto ontológico e entre a proposta levinasiana de uma linguagem ética.

Tal cisão será estabelecida a partir de dois termos que vinham sendo expostos e que agora necessitam ser aprofundados: o Dizer e o Dito. Na exposição do filósofo, o Dizer ocupará um lugar privilegiado, em detrimento do Dito.

Para Lévinas, então o Dizer se estabelecerá nos seguintes moldes:

Anterior aos signos que ele conjuga, anterior aos sistemas linguísticos e aos vislumbres semânticos – introdução das línguas – ele é proximidade de um ao outro, engajamento de aproximação, um pelo outro, a significado da própria significação.<sup>82</sup>.

Com esta afirmação, já pode ser vislumbrada a relação entre o Dizer e a Ética, uma vez que este se estabelece, para o filósofo, próximo à sua concepção de Proximidade. Neste sentido, uma vez que adentramos propriamente o campo de estudos da linguagem, devemos apontar à observação de Ricardo Timm, segundo o qual “O Dizer, “significando antes da essência”, é a linguagem do Infinito, e o falar, a resposta possível à exposição deste Infinito. O Dizer é a realização da lógica do infinito.” (SOUZA, 1999, p. 136).

---

<sup>82</sup> Livre tradução de: “Antérieur aux signes verbaux qu’il conjue, antérieur aux systèmes linguistiques et aux chatoulements sémantiques – avant-propos des langues – Il est proximité de l’un a l’autre, engagement de l’approche, l’un pour l’autre, la signifiante même de la signification” (AE, p. 17).

Embora tal formulação seja mais bem esclarecida a partir dos passos seguintes de nossa exposição, cabe ressaltar a relação estabelecida entre Proximidade, Dizer e Infinito que se afirmaria no seguinte sentido: o Infinito é inerente à composição intersubjetiva levinasiana (conforme percorremos em *Totalidade e Infinito*); frente a isto, as relações entre os sujeitos serão estabelecidas sobre a forma da proximidade e, mais precisamente, no que se refere à linguagem, tal estrutura será expressa através da concepção de Dizer, acrescentando um elemento à adoção de uma postura filosófica que já acompanhamos.

Mas ocorre que, para além desta proximidade enquanto relação entre os sujeitos, uma vez que esta é estudada sobre o prisma da linguagem, devemos considerar o Dizer enquanto comunicação<sup>83</sup>. Neste sentido, podemos afirmar que o Dizer se afirma como uma instância ética e comunicativa da intersubjetividade, em oposição a uma postura ontológica e tematizante<sup>84</sup> – que seria a adotada pela “filosofia ocidental”, na qual também se localiza Blanchot.

Neste sentido, para Lévinas, a linguagem deveria se estabelecer não somente como aquela que revela o ser através da tematização, mas, para além disto, a linguagem enquanto aquela que comunica o ser para o Outro, nos seguintes termos:

O sujeito resiste a esta ontologização já quando nós o pensamos como Dizer. Atrás de toda expressão do ser como ser, o Dizer transborda o ser que tematiza para o expressar ao

---

<sup>83</sup> A respeito da estreita relação estabelecida por Lévinas ao longo de sua obra entre o Dizer e a Comunicação intersubjetiva, este afirma que: “O Dizer é comunicação certamente, mas como condição de toda comunicação, como exposição.” (Livre tradução de: “Le Dire est communication certes, mais en tant que condition de toute communication, em tant qu’exposition.” - AE, p. 82).

<sup>84</sup> Neste sentido, trazemos novamente o texto *Linguagem e proximidade*, o qual relaciona Ontologia e tematização ao considerar que esta “manifesta-se a partir de um tema” (LP, p. 26).

Outro; é o ser que na palavra – primeira ou última – se compreendem mas é *para-além* do ser tematizado ou totalidade que há o último Dizer.<sup>85</sup>.

A partir da cisão da linguagem em Dizer e Dito, cabe apontarmos que Lévinas não sugere que, ao se estabelecer o primado do Dizer sobre o Dito, este seja abolido completamente. A proposta é que haja uma reinterpretação do Dito a partir da estrutura concebida pelo Dizer. Neste sentido é a observação de Ozanan Carrara a respeito desta condição que passa a se concedida ao Dito:

O sentido do dito não se reduz ao de fazer aparecer o ser – função ontológica – mas ele deve ser reinterpretado a partir do Dizer como inspiração. Interpretar o Dizer como inspiração é dizer que ele significa além da simples sensibilidade na proximidade. Ele é a significância mesma do sentido! (CARRARA, 2012, p. 91).

Com isto, Lévinas apresenta o Dizer, criticando a concepção da linguagem enquanto Dito.

De modo a aprofundarmos esta diferenciação realizada, mais uma breve consideração a respeito dos moldes que esta cisão vai tomando para Lévinas deve ser analisada, com vistas aos fins propostos em nossa dissertação: a relação do Dizer e do Dito com o Verbo e o Substantivo.

Para além da complexa estrutura que o filósofo atribui a cada um – e que se relacionam à Essência, tema que não

---

<sup>85</sup> Livre tradução de: "Le sujet resist à cette ontologisation déjà quand on le pense comme Dire. Derrière tout énoncé de l'être comme être, le Dire déborde l'être même qu'il thématise pour l'énoncer à Autrui; c'est l'être qui dans le mot – premier ou dernier – se coprend mais c'est *au-delà* de l'être thématise ou totalize que va le dernier Dire." (AE, p. 35).

aprofundaremos nesta dissertação por conta de sua extensão e profundidade – nos interessa a inserção do Verbo e do Substantivo no cenário das dicotomias que foram apresentadas até este momento do pensamento de Lévinas.

Neste sentido, o Substantivo deve ser compreendido como a palavra que designa, enquanto o Verbo se insere como duração. Uma vez que a Linguagem como mera designação e tematização não contempla a Linguagem em sua dimensão comunicativa, como Ética, o filósofo adotará a postura relativa à dinâmica do Verbo.

Deste modo, a apresentar outro aspecto da dicotomia que vem sendo desenvolvida por Lévinas na presente obra, este afirma que:

A linguagem não se reduz, deste modo, um sistema de signos duplicando os seres e as relações – concepção que se imporá se a palavra se Substantivo. A linguagem será de preferência consequência do verbo. (...) A sensação vivida – ser e tempo – é compreendida já no verbo.<sup>86</sup>.

Assim, a tensão entre Ontologia e Ética é apresentada na obra do filósofo por mais um viés, que nos auxilia a complementar o estudo do filósofo: por um lado é estabelecido o Verbo e, por outro, o Substantivo e, entre ambos, é estabelecida a mesma relação que já se fez presente nas outras dicotomias apresentadas.

Esta relação se repete em seu procedimento no seguinte sentido: é apresentada uma dicotomia (entre Verbo e Substantivo), mas um destes termos somente não consegue abranger a Linguagem

---

<sup>86</sup> Livre tradução de: "Le langage ne se réduit pas ainsi à un système de signes doublant les êtres et les relations – conception qui s'imposerait si le mot était Nom. Le langage serait plutôt excroissance du verbe. (...) La sensation vécue – être et temps – s'entend déjà dans le verbe." (AE, p. 61).

devidamente (a ontologia ou o Substantivo isoladamente), sendo necessário que se recorra, por fim, ao outro (à Ética ou ao Verbo, no presente caso).

É neste sentido, de um posicionamento que posicionamento (Ontologia) que se mostra insuficiente e que requer um outro posicionamento (Ética) que Carrara conclui que “o par dizer/dito permite a Lévinas visualizar um excesso na linguagem que o dito ontológico não é capaz de esgotar. O excesso do dizer é a própria socialidade da linguagem.” (CARRARA, 2012, p. 91).

Além disto, cabe apontarmos que, mais do que estruturas fixas, o que Lévinas considera em cada um destes termos, Verbo e Substantivo, é a função que estes adquirem pois, para o autor, “se ele designa apenas, mesmo que verbo, ele é substantivo”<sup>87</sup>. Tal apontamento corrobora com o argumento de que, para além da estrutura de cada um, interessa para a nossa análise a função que é desempenhada por cada um destes posicionamentos a partir da dicotomia apresentada pelo filósofo.

A partir deste panorama apresentado, para que a análise levinasiana se complete<sup>88</sup> em *Outramente que ser*, mais um conceito central (ao lado da Proximidade e da Responsabilidade acima mencionados) deve ser destacado: o de Substituição. A partir da exposição que é complementada pela Substituição, Lévinas

---

<sup>87</sup> Livre tradução de: “s’il designe seulement, même verbe, Il est nom.” (LÉVINAS, 2006, p. 43).

<sup>88</sup> Esta divisão da obra em três temas centrais, a realizamos a partir da seguinte observação de Augusto Ponzio: ““Proximidade”, “responsabilidade”, “substituição” são as três noções fundamentais a partir das quais se define a concepção levinasiana de alteridade. A passagem de um a outro, em uma indicada acima, pode ser sugerida pelas expressões “em termos de”, ou “no sentido de” ou, simplesmente, a responsabilidade compreendida no sentido de uma determinada substituição.” (“Proximité”, “responsabilité”, “substitution” sont les trois notions fondamentales suivant lesquelles se définit la conception lévinasienne de l’altérité. Le passage de l’une à l’autre, dans l’ordre indiqué plus haut, peut être suggéré par des expressions Telles que “en termes de”, ou “dans le sens de”, ou, plus simplement, et la responsabilité entendue dans le sens d’une certaine substitution.” - PONZIO, 1996, p.24).

desenvolve uma concepção de Alteridade que resignifica a própria Subjetividade:

A significação – o um-pelo-outro – a relação com a alteridade – foi analisada na presente obra como proximidade, a proximidade como responsabilidade pelo outro e a responsabilidade pelo outro- como substituição: na sua subjetividade, em sua condição de substância separada, o sujeito se apresenta como penitência-pelo-utro, condição ou incondicionado como refém.<sup>89</sup>.

Com isto, apontamos os moldes em o que podemos considerar que os principais temas da ética de Lévinas são elaborados – temas estes em seu cerne se relacionam à Intersubjetividade e à Linguagem.

Para além da exposição de Lévinas pretendemos, para que se estabeleça a conclusão de nosso trabalho, a construção do pensamento deste filósofo em contraposição a seus contemporâneo, assim como sua relação a Blachot.

---

<sup>89</sup> Livre tradução de: “La signification – l’um-pour-l’autre – la relation avec l’altérité – a été analysée dans le present ouvrage comme proximité, la proximité comme responsabilité pour autrui, et la responsabilité por autrui – comme substitution: dans as subjectivité, dans son port même de substance séparée, le sujet s’est montré expiation-pour-autrui, condition ou incondition d’otage,” (AE, p.282. – grifo nosso).

## **Bibliografia**

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. Seleção de textos de José Américo Morra Pessanha. São Paulo: Nova Cultura, 1987. (Os Pensadores)

BADIOU, Alain. *A aventura da filosofia francesa no século XX*. Trad. Antônio Teixeira, Gilson Iannini. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BATAILLE. Georges. *A experiência interior: seguida de Método de Meditação e *Postscriptu*, 1953: Suma ateológica, vol I*. Trad e apresentação Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

\_\_\_\_\_. *O culpado: Seguido de A aleluia*. Suma ateológica, vol. II. Trad e apresentação Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. *Teoria da Religião: seguida de Esquema de uma história das religiões*. Trad Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BEAUFRET, Jean. *Introdução às filosofias da existência: de Kierkegaard a Heidegger*. Trad. e notas Salma Tannus Muchail. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

BIDENT, Christophe. *De la chronique à la théorisation*. In Blanchot dans son siècle. Associations des amis de Maurice Blanchot. Lyon: Sens Public - Editions Parangon, 2009.

BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita. Tradução: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010. Vol. 1. A Palavra Plural.

BLANCHOT, Maurice. Le « discours philosophique » In : Maurice Blanchot et la philosophie : Suivi de trois articles de Maurice Blanchot [en ligne]. Nanterre: Presses universitaires de Paris Ouest, 2010.2. Disponível em: <http://books.openedition.org/pupo/1133>. ISBN : 9782821826878.

\_\_\_\_\_. A parte do fogo. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

\_\_\_\_\_. A comunidade inconfessável. Trad. de Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Lumme Editor, 2013.

\_\_\_\_\_. A conversa infinita 1: a palavra plural (palavra de escrita) Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

\_\_\_\_\_. A conversa infinita 2: a experiência limite. Trad. João Moura Jr.. São Paulo: Escuta, 2007.

\_\_\_\_\_. Écrits politiques 1953-1991. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

\_\_\_\_\_. O livro por vir. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed.. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. Lettres à Vadim Kozovoï. Édition établie, présentée et annotée par Denis Aucouturier suivi de La parole Ascendane ou Sommes-nous encore dignes de la poésie? (notes éparses). Houilles: Éditions Manucius, 2009.

\_\_\_\_\_. L'espace littéraire. Paris: Éditions Gallimard, 1955

\_\_\_\_\_ . Le pas 1u-delá. Paris: Gallimard, 1973.

\_\_\_\_\_ . O passo além. Trad. Daniel Barbosa Cardoso e Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2016.

\_\_\_\_\_ . Une voix venue d'ailleurs. Paris: Éditions Gallimard, 2002.

\_\_\_\_\_ . Uma voz vinda de outro lugar. Trad. Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BRUNS, Gerald. Maurice Blanchot – the refusal of philosophy. London: The Johns Hopkins University Press, 2005.

BUCLIN, Hadrien. Maurice Blanchot ou L'autonomie Littéraire. Suisse: Éditions Antipodes, 2011.

CARRARA, Ozanan Vicente. *Linguagem e Socialidade em Emmanuel Levinas*. In Síntese: Revista de Filosofia. Departamento de filosofia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. V. 39, n. 123. Belo Horizonte: FAJE, 2012.

CHOPLIN, Hugues. L'enfance de la philosophie - à partir des déconstructions. In Revue Métaphysique et de Morale. Avril-jui 2015 n°2 - Blanchot: Écriture et philosophie. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.

COHEN-LEVINAS. Danielle. Entre eux Maurice Blanchot et Emmanuel Levinas... Là où ils sont, se rendre à l'impossible. In Blanchot dans son siècle. Associations des amis de Maurice Blanchot. Lyon: Sens Public - Editions Parangon, 2009.

COLLIN, Françoise. Maurice Blanchot et la question de l'écriture. Paris: Gallimard, 1986.

COOLS, A. Langage et subjectivité. Vers une approche du différend entre Maurice Blanchot et Emmanuel Lévinas. Leuven: 2007.

COSSUTTA, Frédéric, « Discours philosophique, discours littéraire : le même et l'autre ? », Rue Descartes, 2005/4 (n° 50), p. 6-20. URL: <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2005-4-page-6.htm>

DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. Trad. Fábio Landa com a colaboração de Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008.(Debates; 296).

DUGNOILLE, Julien. *Le désir d'anonymat - chez Blanchot, Nietzsche et Rilke*. France: L'Harmattan, 2004.

FAGES, J. B. *Comprendre Roland Barthes*. Toulouse: Edouard Privat, 1979.

FRIES, Philippe. *La théorie fictive de Maurice Blanchot*. Paris: L'Harmattan, 1999.

GRAMONT, Jérôme de. *Blanchot et la phénoménologie - L'effacement, L'événement*.

GREGG, John. *Maurice Blanchot and the literature of transgression*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Da existência ao Infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Loyola, 2006.

HARLINGUE, Oliver. *Sans condition. Blanchot, la littérature, la philosophie*. Paris: L'Harmattan, 2009.

HART, Kevin. <<Le troisième rapport>>. In *Blanchot dans son siècle*. Associations des amis de Maurice Blanchot. Lyon: Sens Public - Editions Parangon, 2009.

HEWSON, Mark. *Blanchot and literary criticism*. New York: Continuum, 2011.

HILL, Leslie. *Blanchot. Blanchot extreme contemporary*. New York: Routledge, 2001.

HILL, Leslie. Le tournant du fragmentaire. In *Revue littéraire mensuelle Maurice Blanchot*, Antoine Volondine. 85<sup>o</sup> année. n<sup>o</sup> 940-941- août-Septembre 2007. Paris.

HOPPENOT, Éric. Avant-propos. In *Revue Métaphysique et de Morale*. Avril-juin 2015 n<sup>o</sup>2 - Blanchot: Écriture et philosophie. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.

\_\_\_\_\_. Blanchot et l'écriture fragmentaire. In *L'Épreuve du temps chez Maurice Blanchot - Collection Compagnie de Maurice Blanchot*. Paris: Les Éditions Complicités, 2006.

HOPPENOT, Éric et MILON, Alain (direction). *Maurice Blanchot et la philosophie - suivi de trois articles de Maurice Blanchot*. France: Presses Universitaires de Paris Ouest, 2010.

HURAUULT, Marie-Laure. *Maurice Blanchot - Le principe de fiction*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1999.

HUTCHENS, B. C. *Compreender Lévinas*. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2007.

KALINOWSKI, Isabelle. «La littérature dans le champ philosophique français de la première moitié du XXe siècle », *Methodos* [En ligne], 1 | 2001, mis en ligne le 05 avril 2004. URL : <http://journals.openedition.org/methodos/53>.

LÉVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. 5 ed. Barcelone: Liberdúplex, 2006.

\_\_\_\_\_. *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*. Trad. Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

\_\_\_\_\_. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto (coord.) e José Nedel 2<sup>a</sup>ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Éthique et infini - dialogues avec Philippe Nemo*. Paris: LGF, 2008.

\_\_\_\_\_. *Humanismo do outro homem*. Trad. Pergentino S. Pivatto (coord.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. Sobre Maurice Blanchot. Edición de José M. Cuesta Abad. Madrid: Editorial Trotta, 2000.

\_\_\_\_\_. *Totalidade e Infinito* Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.

LÉVY, BENNY. Être juif - Étude lévinassienne. Lagrasse: Éditions Verdier, 2003.

LEVY, Tatiana Salem. A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LIMET, Maurice Blanchot Critique. Paris: La Différence, 2010.

MACLACHLAN, Ian. Lire, écrire: Blanchot et Laporte. In Blanchot dans son siècle. Associations des amis de Maurice Blanchot. Lyon: Sens Public - Editions Parangon, 2009.

MARTY, Éric. Maurice Blanchot, Roland Barthes , une <<ancienne conversation>>. Paris: Gallimard - Les Temps modernes, 2009/3 (nº654), p. 74-89. (Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-les-temps-modernes-2009-3-page-74.htm>).

MELO, Nelio Vieira de *A Ética da Alteridade em Emmanuel Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice (direction). Les philosophes de l'Antiquité au XXe siècle : histoire et portraits. Paris: La Pochothèque, 2006.

MILON, Alain. Entre Blanchot et la philosophie In : Maurice Blanchot et la philosophie: Suivi de trois articles de Maurice Blanchot. Nanterre: Presses universitaires de Paris Ouest, 2010.

Disponível em: <http://books.openedition.org/pupo/1098>>. ISBN : 9782821826878. DOI : 10.4000/books.pupo.1098.

MIRAUX, Jean-Philippe. Maurice Blanchot - Quiétude et inquiétude de la littérature. Paris: Éditions Nathan, 1998.

MONVALLIER, Henri et ROUSSEAU, Nicolas Blanchot L'obscur ou La Déraison Littéraire. Paris: Éditions Autrement, 2015.

MORA, Frédéric. L'impossibilité d'une île. In Blanchot dans son siècle. Associations des amis de Maurice Blanchot. Lyon: Sens Public - Editions Parangon, 2009.

NORDHOLT, Annelise Schulte. Le <<vrai bilinguisme>> Théorie e pratique. In Revue littéraire mensuelle Maurice Blanchot, Antoine Volondine. 85<sup>o</sup> année. n<sup>o</sup> 940-941- août-Septembre 2007. Paris.

PELBART, Peter Pál. Da clausura do fora ao fora da clausura - loucura e resrazão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

PINAT, Etienne. Les deux morts de Maurice Blanchot. Une phénoménologie. Préface par Jérôme de Gramont. Romania: Zeta books, 2014.

PLATÃO. A república: [ou sobre a justiça, diálogo político] Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado; Rev. técnica e intro. Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevista*. Trad. J. Guinsburg, Márcio Honorio de Godoy e Thiago Blumenthal. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Debates; 309)

PONZIO, Augusto. *Sujet et altérité sur Emmanuel Lévinas* – suivi de Deux dialogues avec Emmanuel Lévinas. Traduit de l'italien par Nicolas Bonnet. Paris: Éditions L'Harmattan, 1996.

QUEIROZ, André; MORAES, Fabiana de; CRUZ, Nina Velasco e (org.s). Barthes/Blanchot: um encontro Possível?. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

QUEIROZ, André; ALVIM, Luiza; OLIVEIRA, Nilson. Apenas Blanchot!. Rio de Janeiro: Pazulin Ed., 2008.

RAVEL, Emmanuelle. Maurice Blanchot et l'art au XX<sup>ème</sup> siècle - une esthétique du désœuvrement. Amsterdam, New York: Chiasma 24, 2007.

REGNIER, Thomas. La question du nihilisme. In Revue littéraire mensuelle Maurice Blanchot, Antoine Volondine. 85<sup>o</sup> année. n<sup>o</sup> 940-941- août-Septembre 2007. Paris.

RICOEUR, Paul. *Outramente: Leitura do livro Autrement qu'être ou au-delà de l'essence de Emmanuel Lévinas*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SANTI, Sylvain. Écrire à l'ami. In Revue littéraire mensuelle Maurice Blanchot, Antoine Volondine. 85<sup>o</sup> année. n<sup>o</sup> 940-941- août-Septembre 2007. Paris.

SAMARSKY, Christophe. Le pas au-delà de Maurice Blanchot - Écriture et éternel retour. Paris: L'Harmattan, 2011.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, ética e história: Lévinas e o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*. Porto Alegre: EDIPICRS, 1999.

SURYA, Michel. L'autr Blanchot. L'écriture de jour, l'écriture de nuit. Paris: Gallimard, 2015.

WYSCHOGROD, Edith. "Language and alterity in the thought os Levinas. In *The Cambridge Companion to Levinas*. Edi. Simon Critchley and Robert Bernasconi. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.